

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Línguas Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

MARIA TEREZA DA SILVA CRUZ

**A REPRESENTAÇÃO DA AMAZÔNIA EM *A VORAGEM*:
UMA LEITURA PÓS-COLONIAL**

**Porto Velho
2017**

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Línguas Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

MARIA TEREZA DA SILVA CRUZ

**A REPRESENTAÇÃO DA AMAZÔNIA EM *A VORAGEM*:
UMA LEITURA PÓS-COLONIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Literários do Departamento de Línguas
Vernáculas do Núcleo de Ciências Humana da Fundação
Universidade Federal de Rondônia.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Nenevê

Porto Velho
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

C957r Cruz, Maria Tereza Silva.

A Representação da Amazônia em A Voragem: uma leitura pós-colonial / Maria Tereza Silva Cruz.
-- Porto Velho, RO, 2017.

70 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Miguel Nenevê

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Americanidade. 2.Decolonial. 3.Pós-colonial. 4.Amazônia. I. Nenevê, Miguel. II. Título.

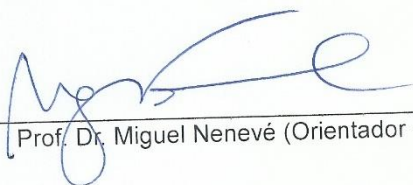
CDU 82

Bibliotecário(a) Eliane Gemaque Gomes Barros CRB 11-549

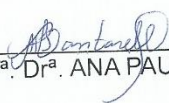
MARIA TEREZA DA SILVA CRUZ

A REPRESENTAÇÃO DA AMAZÔNIA EM A VORAGEM: UMA LEITURA PÓS-COLONIAL

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Miguel Nenevé (Orientador – MEL/UNIR)



Prof.ª. Dr.ª. ANA PAULA CANTARELLI (Membro interno- (MEL/UNIR)



Prof.ª. Dr.ª. GRACIELLE MARQUES Membro externo - DLE/UNIR)

Prof.ª. Dr.ª. Nádia Nelziza Lovera de Florentino (Suplente – DLE/UNIR)

Porto Velho, de de 2017.

AGRADECIMENTOS

Apesar do ato da escrita ser um ato solitário, este trabalho não seria possível sem um conjunto de pessoas que tornaram esta trajetória menos difícil. Por isso mesmo, agradecer é um ato descolonizador. É o ato de reconhecimento da gentileza das concessões que a mim foram feitas.

Concessões de conhecimento dos meus professores, do meu orientador em especial.

Concessões dos meus amigos e colegas de mestrado que dividiram dúvidas, angústias e aprendizado comigo.

Concessões do meu trabalho que permitiu a aventura de aprender a pesquisar.

Concessões enfim, da minha família que entendeu as minhas faltas.

Diante da infinidade de concessões que me foram dispensadas é justo agradecer:

A primeira pessoa que me vem à mente nesse agradecimento é o Professor Miguel Nenevé, cuja convivência inspira-nos a sermos cada vez mais humanos, mais disciplinados e mais conscientes de nosso papel no mundo.

É preciso agradecer também às Professoras Sônia M^a. Gomes Sampaio, Ana Paula Cantarelli, Gracielle Marques e demais docentes e colaboradores do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários, pelo altruísmo, dedicação, humildade e principalmente pelo incentivo.

Aos colegas discentes do Mestrado em Estudos Literários, Ítalo Pereira Dutra, Eliane Gemaque Gomes Barros, Jorge Lucas Souza Monteiro e Magda Xisto dos Reis, por todos os momentos em que dividimos nossas dúvidas, medos, alegrias e solidões e além de agradecer, registro o desejo que nossa amizade perdure e cresça cada vez mais.

Da mesma forma, agradeço ao Professor Osvaldo Augusto de Oliveira, do Departamento de Artes Visuais, pela generosidade em me ouvir e ter as palavras certas que não me deixaram desistir.

Aos docentes do Mestrado Acadêmico em Psicologia, que me incentivaram a cursar o mestrado, em especial ao Professor José Juliano Cedaro e à Professora Vanderléia Dal Castel Schlindwein. Nesse sentido, o Núcleo de Saúde tem importante papel na trajetória e conclusão deste trabalho, uma vez que se transformou em minha segunda família na UNIR.

Aos colegas servidores técnicos do Núcleo de Saúde, Antenor Alves Silva, Jéferson Araújo Sodré, Daniel Guedes Feitosa, Kelly M^a. Barros de Alencar, Núbia Cristina Marques, e Jaimeyson Ferreira de Oliveira, meus fraternos agradecimentos.

Da mesma forma, preciso agradecer às estagiárias do Núcleo de Saúde, Angela Bernardino da Silva, Naildes Melo Oliveira e Erica Wanessa pela amizade preciosa que tanto contribui na minha formação pessoal e acadêmica.

Ao Departamento de Educação Física por incentivar e compreender a importância e o peso da responsabilidade em cursar um Mestrado Acadêmico em uma universidade pública.

É com orgulho que agradeço ao meu chefe imediato, ao meu amigo pessoal e intransferível Professor Daniel Delani, que me ensina diariamente o valor da família, do trabalho e da fé em Deus na construção de nossa história.

Aos servidores técnicos da UNIR e novos amigos, Ícaro Albarã Franco Gomes e Júlia Rodrigues Cardoso pelas discussões sobre a importância da educação e da pesquisa para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade.

À Deisy Cristina dos Santos por ter estudado junto comigo para a prova escrita e por ter ficado feliz comigo em cada angústia superada, em cada etapa vencida, meus agradecimentos, minha irmã.

Aos amigos Alex Santana Costa, Alan Alexandre Polenis, que acompanharam minha trajetória na academia e que estiveram ao meu lado, mesmo que distante.

À minha família, pela história que me legaram, pela força de sua identidade, pela consciência do valor da educação e principalmente pela compreensão de minhas ausências e omissões.

Ao meu pai e à minha mãe por terem dedicado suas vidas aos filhos.

Ao meu psicólogo Cristiano Corrêa de Paula, porque sem você eu não teria entrado no mestrado, não teria terminado e não estaria viva.

Ao agradecer eu entro em contato consigo mesma e percebo que o sucesso não é possível sozinha. Não há realização de fato na solidão, a não ser que seja uma conquista imposta pelo poder. Por isso, reitero meus agradecimentos a todos, inclusive aos que não foram citados.

Jurei mentiras
E sigo sozinho
Assumo os pecados

Os ventos do norte
Não movem moinhos
E o que me resta
É só um gemido

Minha vida, meus mortos
Meus caminhos tortos
Meu sangue latino
Minh'alma cativa

Rompi tratados
Traí os ritos
Quebrei a lança
Lancei no espaço
Um grito, um desabafo

E o que me importa
É não estar vencido
Minha vida, meus mortos
Meus caminhos tortos

Meu Sangue Latino
Minh'alma cativa
(Sangue Latino. Ney Matogrosso)

RESUMO

O romance *Voragem*, de José Eustásio Rivera constituiu-se como “instrumento político” sugerindo ao leitor uma denúncia sobre as condições desumanas da exploração do caucho na selva colombiana e na Amazônia de um modo geral. As memórias dos seus narradores são muito reveladoras e percebemos ali uma intrincada relação entre ficção e história. O cenário construído revela um discurso conduzido por uma moral atrelada aos interesses do colonizador, permitindo-nos assim estabelecer possíveis leituras pós-coloniais/ decoloniais a partir da análise das representações coloniais no romance. Esta dissertação tem por objetivo identificar e analisar o modo como o espaço amazônico é construído em *A Voragem*, bem como examinar as personagens e o tempo, a partir dos aspectos sócio-históricos. Utilizamos o escopo teórico de diversos críticos pós-coloniais e “decoloniais” tais como, Frantz Fanon, Ramon Grosfoguel, Enrique Dussel e Walter Mignolo, representantes dos estudos relacionados à Americanidade e ao “Decolonial” que nos ajudarão a ler a obra sob uma perspectiva crítica das relações entre colonizador e colonizado, explorador e explorado e entre o nativo e o estrangeiro que chega a Amazonia com o objetivo único de lucro..

Palavras-chaves: Americanidade, Decolonial, Pós-colonial, Amazônia

ABSTRACT

José Eustásio Rivera's novel *Voragem* might be read as a "political instrument" suggesting a clear denunciation of the inhuman conditions of rubber exploitation in the Colombian jungle and in the Amazon in general. We may argue that the novel invites the reader to reflect on, the memories of its narrators and reveals an intricate relation between fiction and history. The constructed scene reveals a discourse driven by a morality tied to the interests of the colonizer. This allows us to promote a postcolonial/decolonial reading and discussion, as we analyze the colonial encounters visible in Rivera's work.. Therefore, in this dissertation we aim at studying the way in which the Amazonian space, as well as the characters and the time are constructed in *A Voragem*, taking into account the socio-historical aspects. We use the theoretical support of several postcolonial/decolonial critics, such as Frantz Fanon, Ramon Grosfoguel, Enrique Dussel and Walter Mignolo, representatives of American / Decolonial studies that will help us to exploit the colonial relations between the rubber tapper and the owner of the plantation, that is, between the colonizer and the colonized..

Keywords: Americanity, Decolonial, Post-colonial, Amazon

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O ESPAÇO DE A VORAGEM	18
2. O PENSAMENTO PÓS-COLONIAL	25
2.1 PÓS-COLONIALIDADE	26
2.2 COLONIALIDADE: O PENSAMENTO DAS MARGENS.....	29
2.3 A DESCOLONIZAÇÃO DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS.....	34
3. A AMAZÔNIA EM A VORAGEM.....	39
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DE A VORAGEM.....	39
3.2 JOSÉ EUSTÁSIO RIVERA	40
4. A VORAGEM	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

INTRODUÇÃO

O surgimento da teoria pós-colonial sugere o momento histórico com a base da discussão voltada à sublevação das ex-colônias europeias no continente africano. Depois da II Guerra Mundial, ocorreu um “esquecimento” da experiência colonial latino-americana e caribenha.

A expansão do “postcolonial” com certeza ocasionou o surgimento de debates relevantes, mesmo com a imprecisão e muitas vezes falta de clareza e com o “encobrimento” de algumas particularidades das ex-colônias. As questões do neocolonialismo enrustidos em modernização e desenvolvimento neste mundo de globalização, por exemplo, não podem ficar fora das discussões numa abordagem pós-colonial. As relações colonizador *versus* colonizado não podem obscurecer ou desconsiderar as explorações e opressões internas nos espaços colonizados, sob diversos aspectos. No caso da América do Sul, é perceptível a necessidade de discussão da particularidade de sua colonização e da necessidade de descolonização que talvez tenha ficado fora do foco dos estudos do pós-colonialismo.

Assim, muito embora o Pós-colonialismo tenha sido e ainda seja visto como uma estratégia para propor a descolonização em todos os seus desmembramentos e consequências ao redor do mundo, faz-se necessária a inserção da experiência colonial latino-americana e caribenha em sua base teórica, com a finalidade de fechar as lacunas deixadas por seus precursores e permitir um melhor entendimento sobre o que é a colonização e sua abrangência, isso porque os teóricos da Americanidade (decolonial) destacam o início da modernidade atrelado à expansão do mercado europeu e da economia europeia, acarretando, o processo de colonização da América espanhola e portuguesa. Assim, considera-se a Americanidade como uma segunda fase da teoria pós-colonial, indo mais afundo nas propostas de descolonização, explicando o sistema colonial, questionando sua epistemologia e inserindo a América Latina e o Caribe como fontes de pensamento e de produtores de diversidade cultural, fornecedores de mercado de trabalho e de

matéria-prima. Portanto, quando é proposta uma discussão sobre descolonização, considera-se não só a primeira fase Pós-colonialismo, de autores como Fanon, Said, mas também de autores da América Latina e Caribe conhecidos como “Decoloniais”.

De outra forma, não se pode pensar na descolonização como um privilégio do oriente ou como um fenômeno marcadamente vindo do oriente ou até mesmo imaginar que não existe mais colonização, uma vez que essa apresenta-se como um processo psicológico crônico e sistêmico, além de político, econômico e social, que divide os povos entre colonizadores e colonizados, desumanizando-os como observou Frantz Fanon em *Os Condenados da Terra* (1968).

Isso posto, observa-se que as promessas ou premissas da modernidade não foram cumpridas e por isso, colocam o desenvolvimento das sociedades sob risco da intolerância, do medo e do radicalismo no modo de pensar, jogando por terra, anos de trabalho no campo científico e tecnológico, recrudescendo as desigualdades e se aproveitando delas para a manutenção da dependência econômica das ex-colônias, numa clara evidência de traição aos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade da Era Moderna.

A colonização é um processo complexo de subjugação do elemento humano no mundo, com vistas à manutenção do poderio econômico e epistemológico de poucos países, ou mesmo de um só. A luta contra a colonização, permitiria uma reorganização geopolítica e social equilibrada ou pelo menos, mais igualitária.

Por isso, a contribuição da teoria pós-colonial, considerando aqui também os estudos chamados “Decoloniais” para os Estudos Literários, permite uma desmitificação da história contada pelos colonizadores e a valorização do pensamento dos colonizados por meio do estudo dos relatos de viagem e obras ficcionais que apresentam o colonizador como superior ao colonizado. Permitir-se recontar a história do ponto de vista do subalterno é o mínimo que se pode fazer porque, mesmo que se tenha perdido valores, memórias e espaço, é necessário ainda, enfrentar um tipo de colonialismo velado e mais perigoso: o colonialismo no campo do pensamento.

Por outro lado, a Americanidade, dentro dos Estudos Literários, segundo Zilá Bernd¹ é:

¹ Zilá Bernd, pesquisadora do CNPq nas áreas de Literatura comparada e Literaturas de língua francesa e das Américas.

Deste gesto de "recentramento" por que têm passado as diferentes literaturas americanas, representado pelos sucessivos movimentos de autonomização literária, emerge a noção de americanidade. Uma literatura que pretenda determinar os pólos e as convergências das literaturas que se prefiguram no contexto das Américas, se enriqueceria interrogando-se sobre a vinculação destas literaturas e de seus autores ao território americano (BERND, 1995, p.12).

Para Bernd (1995) a globalização, ao medir o mundo pela ampliação das zonas de circulação de mercadorias, bem como pela afirmação de um sistema econômico dominante, valoriza as literaturas produzidas no "centro", descartando aquelas que são contrárias ao cânon vigente, caracterizadas como "periféricas". Assim sendo, a produção literária fica dividida entre literaturas de "centro", originadas dos países economicamente desenvolvidos e literaturas emergentes, originadas de países periféricos ou secundários na linha de produção, circulação e consumo de bens. Além disso, segundo ela: "Podem ser consideradas como emergentes literaturas que, para escapar do rolo compressor da globalização, ancoram-se em sentimentos de identidade – como a identidade nacional – contribuindo, assim, à heterogeneidade do conjunto" (BERND, 1995, p.12).

Para a professora e escritora Leyla Perrone-Moisés existe uma dependência filial na constituição da literatura das américas compreendida a partir do binômio Europa-Novo Mundo, em que o Novo Mundo deveria se tornar igual em potência e semelhante em conhecimento, como um filho deve seguir os passos do pai. Nesse sentido, vive-se em busca de uma identidade própria com a responsabilidade de alcançar o ideal de "civilização" europeu. Talvez, por isso, o início de nossa literatura revele uma produção pensada a partir do centro, reproduzindo conceitos que se desencontravam da nossa realidade, uma vez que grande parte dos nossos autores fizeram seus estudos na Europa e aplicaram aqui o fazer estético e epistemológico de lá (MOISÉS, 1997).

Assim, considera-se que diante do desenvolvimento da Teoria Pós-colonial, as pesquisas no campo da literatura e o seu ensino na educação básica e acadêmica na América Latina e Caribe não podem mais seguir os modelos de ensino pré-estabelecidos pela Europa. Não é possível mais a aplicação de teorias literárias europeias ao fazer estético latino-americano e caribenho sem o conhecimento da crítica pós-colonial. Da mesma forma, o ensino das literaturas nacionais sem o destaque de seu caráter colonizador ou descolonizador é produção perigosa do pensamento de que somos mero objeto de análise e não produtores de

conhecimento, principalmente porque a proposta mais admirável e generosa da Teoria Pós-colonial talvez seja fazer com que o indivíduo pense por si próprio e este, coincidentemente é o principal desafio do professor.

Outrossim, observa-se que o ensino da língua e literatura, a história e cultura hispano-americanas ainda é tímido, se comparados à penetrabilidade do inglês e da cultura ocidental/europeia em nosso país. Assim, parte dos estudos sobre a América Latina e Caribe fica restrito à Academia, fazendo com que o conhecimento sobre a história e a literatura destes países irmãos seja incipiente para a maioria da população no Brasil. Fato curioso este, uma vez que somos irmãos em história, compartilhamos fronteiras, somos parceiros no comércio, cultura e produção de conhecimento científico. A partir desta constatação, vemos que a influência, econômica fruto de uma epistemologia ocidental dominante tende a suprimir não só saberes locais e/ou periféricos, mas mitiga sistematicamente a união entre estes.

Por isso, a literatura e o ensino da literatura assumem papel importante para descolonização uma vez que contribuem para a superação de fronteiras geográficas e culturais por meio do processo de autoconhecimento do indivíduo e do reconhecimento de sua identidade histórica. Segundo o crítico literário peruano, Cornejo Polar (2000, p.23):

(...) a crítica literária latino-americana deveria considerar-se a si mesma como parte integrante do processo de libertação de nossos povos, não só porque é também, de certo modo, crítica ideológica e esclarecimento da realidade, enquanto define a índole das imagens do mundo que a literatura propõe aos leitores e enquanto determina as características de um processo de produção que reproduz a estrutura dos processos sociais, mais ainda porque, ao se propor um desenvolvimento em consulta aos requisitos específicos de seu objeto, está cumprindo, na ordem que lhe corresponde, uma importante tarefa de descolonização.

Nesse contexto, proponho a análise do romance *A Voragem*, de José Eustásio Rivera, publicado pela primeira vez, na Colômbia em 1924. Esse romance denuncia condições desumanizantes de trabalho, dos seringueiros na fronteira Colômbia/Venezuela/Peru/Brasil, próximo à região dos Rios Orinoco/Amazonas retratando a exploração da borracha para o abastecimento dos mercados externos que trouxeram muitos aventureiros para a Amazônia. Tratam-se de condições adversas, similares às vividas por seringueiros na Amazônia brasileira, na mesma época. Neste trabalho, será utilizada a versão de *A Voragem* em português, traduzida por Reinaldo Guarany e publicada em 1982, no Brasil.

A leitura de *A Voragem* evoca na autora desta pesquisa, as lembranças de histórias ouvidas na infância que dissertavam sobre a vida na floresta e o trabalho nos seringais de onde meus pais e avós vieram. As imagens ofertadas pelo autor, em muitos momentos confrontaram-se com essas lembranças. A Amazônia que me foi ensinada por intermédio dos meus pais e avós era diferente daquela que se apresenta em *A Voragem*. Muito embora a vida do seringueiro tenha sido uma vida de sacrifícios, a floresta não era personagem desumanizante ou mesmo devoradora. Era sim, especialmente misteriosa e próspera em sobrepor-se às dificuldades impostas pelo comércio exploratório da seringa.

As histórias ouvidas na infância e a Teoria Pós-colonial/Decolonial constituem, portanto, dois momentos da minha vida que formaram e marcaram o meu modo de ver o mundo. Porém, desta vez, tenho a oportunidade de utilizar autores e pensadores predominante da América Latina e Caribe, com o ideal descolonizador de falar de uma Literatura que fala sobre nós, produzida por um autor amazônico, questionando a epistemologia e o cânon europeus e contribuindo para os estudos sobre subalternidade.

Acredito que a relevância deste romance residie, ainda, na característica de ser um romance histórico que trabalha com o factual, precisa dele e vai além da verossimilhança. Cada escrita é uma leitura e é uma rescrita e uma releitura, assumindo-se assim, que é também, na história que o discurso ideológico é escondido. Outrossim, este romance também pode ser classificado com uma metaficção historiográfica que prescinde dos fatos históricos materiais, ou seja, contém índices de historiografia presentes em sua construção e ainda assim e por isso mesmo, fazem com que o leitor desconfie do fato narrado, desconfie da história.

Nesse sentido, está aplicado conceito de metaficção historiográfica da teórica canadense Linda Hutcheon, que relaciona metaficção e pós-modernidade, uma vez que o romance apresenta tais marcas, como por exemplo: a intenção de produzir uma mudança política por meio do romance, numa mistura de realidade e ficção em que o próprio autor se envolve, questionando o fazer autoral e sua autoridade. Dessa forma, segundo Hutcheon :

Tenho argumentado que o pós-modernismo é um empreendimento cultural contraditório, que está fortemente implicado naquilo que busca contestar. Ele usa e abusa das próprias estruturas e valores que leva à tarefa. A metaficção historiográfica, por exemplo, mantém distinta sua auto-representação formal e seu contexto histórico, e, assim, problematiza a

própria possibilidade de conhecimento histórico, porque não há reconciliação, nenhuma dialética aqui - apenas contradição não resolvida, como acabamos de ver no último capítulo (HUTHCEON, LINDA, 1988, p.106).

Como objetivo principal, busca-se encontrar nas descrições das personagens que desenvolvem a narrativa, a forma como a Amazônia é apresentada no romance. Da mesma maneira, busca-se descobrir de que modo o romance contribui para a descolonização, bem como, saber se o autor alcançou o seu objetivo principal, apresentado no prólogo, que era denunciar o trabalho escravo e o tráfico de pessoas entre as fronteiras.

Assim, para tentar atingir os objetivos explicitados e para melhor estruturação do trabalho, esta pesquisa foi organizada em três momentos: no primeiro, pretende-se apresentar o quadro teórico da Teoria Pós-Colonial e seus desdobramentos na América Latina e Caribe. No segundo momento, apresenta-se o autor e o romance, bem como sua contextualização histórica, analisando-os sob o ponto de vista da Americanidade.

Dessa forma, tem-se a oportunidade de ao estudar o livro, identificar os pontos em comum não só da colonização no Brasil e na Colômbia, como também, de perceber a forma como foi construída a identidade amazônica, dentro deste contexto histórico. Outro ponto importante é a verificação das marcas da colonização presentes na obra, principalmente tendo em vista a proposta do autor ao escrevê-la. O modo como ele retrata o ambiente amazônico, como ele constrói as personagens, que visão ele nos traz da exploração da borracha e que mensagem ele consegue construir a partir de tudo isso.

A Teoria Pós-Colonial, aqui incluído os autores conhecidos como “Decoloniais” será utilizada para guiar nossas análises, por meio do método dedutivo, com a presença mais considerável de teóricos da Americanidade conhecida como Teoria Decolonial, quais sejam: Ramón Grosfoguel, Henrique Dussel, Arturo Escobar, Anibal Quijano, Josefina Ludmer e Walter Mignolo.

A escolha desses teóricos está ligada aos desdobramentos da Teoria Pós-Colonial na América Latina, o que vai ao encontro, em alguns aspectos, da proposta de Josefina Ludmer em *Aqui América Latina: uma especulação* (2013), obra em que a autora reflete a preocupação em se pensar uma crítica literária latino-americana nova para o novo milênio, e que sendo assim, tal linha de pensamento está em

conformidade com os autores supracitados. Nesse sentido, a adoção dessa nova “fase” da Teoria Pós-colonial dá-nos a possibilidade de fazer uma análise privilegiando o saber, o modo de fazer ciência, sob outro ponto de vista: o do reconhecimento da experiência colonial latino-americana e caribenha por intermédio da Americanidade, o que ficou “em segundo plano” na construção da episteme do Pós-colonialismo.

Ora, não se trata obviamente, de subverter a teoria literária europeia (e seus pensadores), a ideia primordial é, por outro lado, pesquisar um romance feito na América Latina e Caribe com a produção teórica feita nela mesma, empregando desta forma, o que postula o Pós-colonialismo em termos gerais: a descolonização em todos os níveis de atuação e saber. Nesse caso, o propósito é justamente e promover um diálogo entre as teorias. A proposta da Americanidade é um *loci* de enunciação que reúna tanto o pensamento ocidental moderno, quanto o pensamento subalternizado pela colonialidade do poder, como vemos em Mignolo:

A pós-colonialidade é tanto um discurso crítico que traz para o primeiro plano o lado colonial do sistema mundial moderno e a colonialidade do poder embutida na própria modernidade, quanto um discurso que altera a proporção entre locais geoistóricos (ou histórias locais) e a produção de conhecimentos. O reordenamento da geopolítica do conhecimento manifesta-se em duas direções diferentes mas complementares: 1. A crítica da subalternização na perspectiva dos estudos subalternos; 2. A emergência do pensamento liminar como uma nova modalidade epistemológica na interseção da tradição ocidental e a diversidade das categorias suprimidas sob o ocidentalismo; o orientalismo (como objetificação do lócus do enunciado enquanto ‘alteridade’) e estudos de área (como objetificação do “Terceiro Mundo”, enquanto produtor de culturas, mas não de saber) (MIGNOLO, 2003, p.136-7).

1. O ESPAÇO DE A VORAGEM

Durante a leitura deste romance, chamou-nos atenção, o modo como o autor elabora o espaço dentro da narrativa, construindo uma relação psicológica entre as personagens e o espaço. A natureza interfere diretamente no modo de pensar-se a si mesmo, de pensar no papel que é desempenhado na construção do mundo ao nosso redor.

Nesse sentido, sendo o espaço um elemento da narrativa, está presente independentemente do papel que a literatura ocupe socialmente, bem como, a natureza se faz presente na maioria das obras literárias quaisquer que sejam os gêneros e estéticas. Nas ex-colônias, principalmente, pressupõe-se que é o espaço que marca o paradoxo e o desafio do fazer literário: destacar a diferença/identidade por intermédio da natureza sem provincianismos ou nacionalismos. Cabe aqui ressaltar o grande desafio de Rivera na construção de *A Voragem*: relevar um espaço tantas vezes explorado, rotulado e mitificado pelo colonizador, porém, do ponto de vista de um colombiano e amazônida, do ponto de vista de alguém preocupado em interferir positivamente na história de seu povo. É possível dizer que o autor, haja vista o número expressivo de traduções para outras línguas, pesquisas e publicações sobre seu romance, foi além de seus objetivos. Rivera ao tentar denunciar a escravidão nos cauchos, revelou não só a Colômbia mas também, a Amazônia e sua colonização para o resto do mundo.

Dessa forma, será tratado o espaço tendo em mente o conceito que Frantz Fanon constrói em *Os Condenados da Terra*: “O mundo colonizado é um mundo cindido em dois” (FANON, 1968, p.27). Em outras palavras, existe de um lado, a metrópole, desenvolvida, abastada, sofisticada, civilizada; de outro lado, a colônia, incivilizada, selvagem e pobre. O espaço para o colonizador será sempre um espaço indomável, palco de aventuras e perigos fantásticos, mesmo que o colonizador esteja no Continente Africano, na Índia ou no Brasil, sua mente estará povoada de mitos e preconceitos sobre esse lugar que ele não conhece.

Complementando tal pensamento, Mignolo esclarece que essa constituição do espaço está para além de uma divisão geográfica tão somente, uma vez que a Europa firma-se como o centro produtor de pensamento, juntamente com o poderio econômico, que lhe permite uma relação dialética com o resto do mundo: a periferia. Da mesma forma, ainda que o centro nestes termos, transfira-se para os EUA, nós, a periferia, permanecemos em “nosso” lugar de subalternidade, refletindo os ideais colonizadores de sempre (MIGNOLO, 2003). Ainda falando sobre espaço, Cornejo Polar nos esclarece: “Vale ressaltar que seja qual for o papel da literatura, a natureza esteve presente em menor ou maior grau em quase todos os momentos da história literária, pois o espaço é um dos componentes da narrativa” (POLAR, 2005, p.44).

Assim sendo, adentraremos pelo espaço apresentado no romance, a princípio olhando de onde estamos e estendendo, paulatinamente, esse olhar, para o todo de que ele faz parte, juntamente com suas peculiaridades populacionais, geográficas e históricas.

A maior parte do romance, passa-se em território colombiano. As personagens principais saem da capital, Bogotá em fuga para o interior da Colômbia e em breve espaço de tempo, encontram-se em meio aos cauchos e caucheiros. Para entender melhor a obra, necessitamos conhecer o espaço em que a obra foi concebida, segundo o Professor Waldir Freitas² Oliveira, José Eustásio Rivera empreendeu o seguinte roteiro, de onde colheu as histórias e as personagens para a narrativa de *A Voragem*:

(...) desceu o rio Madalena, que corre para o norte, na direção do mar das Antilhas, seguiu, costeando o litoral do Caribe, na direção do leste, passou por Port-of-Spain, em Trinidad e chegou à foz do Orenoco, por ali penetrou e subiu o seu curso até sua confluência com o rio Meta, situado na fronteira, pelas bandas do sul, desses dois países, e seguiu, então, para a cidade de San Fernando de Arabapo, ainda mais ao sul, de onde começou a percorrer as terras banhadas pelo rio Inírida, na província colombiana de Guainía. E quando decidiu regressar a Bogotá, dali retornou ao Orenoco, por ele navegou até o canal de Cassiquiare, por ele navegou até alcançar o rio Negro, principal afluente brasileiro do Amazonas, sendo este rio por ele percorrido até sua foz, dali havendo seguido, já sobre águas do oceano Atlântico, acompanhando a linha da costa, na direção do mar das Antilhas, indo alcançar, afinal, o mesmo rio Madalena, de onde partira, em sua viagem de ida, por ele então havendo navegado, subindo o seu curso, a fim de chegar de volta à capital da Colômbia (OLIVEIRA, 2010).

² Waldir Freitas Oliveira: Membro Titular da Academia de Letras da Bahia

Localizar o espaço onde ocorre a narrativa é preciso porque conforme o pensamento colonizador, *A Voragem* consiste em uma história do outro mundo, de uma outra gente, daqueles que são estrangeiros para a maioria de nós, brasileiros, pois fala da região amazônica, rica de lendas no imaginário popular.

A Amazônia hoje, abrange nove países, representando 40% do território da América do Sul e 5% do território Mundial. Destaca-se que destes nove países, apenas quatro, não tem o espanhol como língua oficial: Brasil (português), Suriname (holandês), Guiana (inglês) e Guiana Francesa (francês).

Grande parte do território amazônico pertence ao Brasil e a Amazônia Legal brasileira ocupa cerca de 61% de todo território nacional (Ministério do Meio Ambiente, 2010), fazendo fronteira com sete países latino-americanos e é formada por sete estados da Federação: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, parte do Maranhão e cinco municípios de Goiás. São 775 municípios, onde viviam em 2011, segundo o último Censo Demográfico, 24 milhões de pessoas (12,32% da população nacional), sendo que 68,9% desse contingente, em zona urbana.

Além disso, a Amazônia constitui também, um dos seis biomas³ do território brasileiro, ocupando cerca de 49% de sua área total. O Bioma Amazônia é definido pela unidade de clima, fisionomia florestal e localização geográfica.⁴

Ampliando mais o olhar, percebe-se que apesar de sua grandeza territorial a Amazônia é parte integrante daquela que aprendemos a denominar como América Latina, ou seja, ao conjunto de países que não foram colonizados por ingleses e holandeses. É importante ressaltar que para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o mundo é dividido em regiões e desta forma, considera o Caribe e a América Latina como um bloco só⁵, por compartilharem da mesma origem histórica, desenvolvimento econômico e social. Sob este ponto de vista, América Latina e Caribe totalizam 26 países com uma população de aproximadamente 525 milhões de habitantes.⁶

Segundo o filósofo argentino Henrique Dussel, é possível dizer que quanto à história, os caminhos que levaram a estes dados estatísticos oficiais sobre a

³ Um conjunto de vida (vegetal e animal) constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, o que resulta em uma diversidade biológica própria. Fonte: IBGE.

⁴ Os dados geográficos foram colhidos no sítio eletrônico do IBGE (www.ibge.gov.br)

⁵ Para o PNUD, os outros blocos são: África, Estados Árabes, Ásia e Pacífico, Europa e Ásia Central.

⁶ Informações obtidas no sítio eletrônico do PNUD (www.latinamerica.undp.org)

Amazônia e América Latina, foram abertos quase que concomitantemente, uma vez que a chegada do navegador Cristóvão Colombo em terras “americanas”, instaura o mesmo destino para todos os povos residentes nas regiões recém “descobertas” (DUSSEL, 1993, p.29). Tais viagens marítimas deram início à colonização dos países ao norte e ao sul do continente e, logo Espanha e Portugal se tornaram as potentes metrópoles exploradoras de riquezas naturais, tais como ouro, prata e drogas do sertão.⁷

No entanto, a colonização não se materializa somente por meio da extração de matéria natural, a efetivação dela, dá-se, também, pela negação, subjugação e desvalorização do outro, do seu espaço, de seu modo de viver e pensar. De acordo com Dussel (1993), o encobrimento do outro ocorreu na América, ao caracterizá-lo (o outro) como habitante da Índia. Assim, em oposição a Edmundo O’Gorman⁸, que defendia a “invenção da América” como sendo um reflexo do mundo europeu, o filósofo argentino, adota a ideia de que o “ser-asiático” trata-se de uma invenção que só existiu na experiência europeia:

Neste texto podemos reconstruir o “mundo” de Colombo e como “interpretava – uma hermenêutica – o que estava vendo. As ilhas, as plantas, os animais, os “índios” (da “Índia”, asiáticos, portanto) eram todos uma “constatação” de algo conhecido de antemão, uma espécie de experiências estética, embora ainda não explorada: a Ásia (DUSSEL, 1993, p.29).

De fato, o avanço das navegações deu início à chegada constante de visitantes europeus ao novo continente e à região amazônica. De acordo com Souza (2009), cientistas e aventureiros das mais diversas áreas aportaram aqui, atendendo ao principal interesse das metrópoles europeias: conhecer o potencial comercial das terras recém descobertas. Para a crítica literária canadense Mary Louise Pratt (1999), tais cientistas foram responsáveis pelos primeiros relatos de viagens dando conta da fauna, flora, minérios e do fator humano aqui existente, bem como da viabilidade econômica destes lugares, aplicando nestes, a perspectiva civilizatória do mundo moderno: classificar, normatizar, estabelecendo parâmetros comparativos com o já conhecido.

Na mesma linha de pensamento de Dussel e Edward Said, a professora Neide Gondim (1994), defende a ideia de que também a Amazônia foi uma

⁷ Definição encontrada em Cametá com sendo “o cacau, a borracha, a baunilha e a canela”.

⁸ Historiador mexicano.

invenção, ao postular que esta havia sido uma “miscelânea” inventada pelo colonizador, a partir de sua expectativa em encontrar a Índia, dos relatos de viagens e de recalques da historiografia greco-romana. Outrossim, o próprio vocábulo Amazônia, foi cunhado quando o Frei Gaspar de Carvajal acreditava ter tido o avistamento das lendárias guerreiras Amazonas, em 1541; fato que foi corroborado por Charles Marie de La Condamine, mesmo que de forma imprecisa (SOUZA, 2009).

Dessa forma, observa-se que no imaginário do estrangeiro, o espaço amazônico era um mundo cheio de cores, aventuras, monstros e lendas. Ao mesmo tempo e por isso mesmo, um mundo selvagem, que precisava de redenção, por intermédio de sua influência. É importante observar essa característica antagônica nas descrições dos relatos de viagem, uma vez que o europeu precisava justificar sua presença exploratória em terras alheias. Todas essas mitificações criadas em torno do espaço amazônico permaneceram por meio tempo, solidificando a ideia de terra de oportunidades e ao mesmo tempo de terra selvática e despovoada (SOUZA, 2009).

Os conceitos aplicados à região amazônica e ao restante da América Latina e do Caribe, reforçam a ideia de que nestas localidades, a natureza, mesmo selvagem, era convidativa para a exploração e os habitantes nestas regiões eram poucos, além de desprovidos de cultura. Na verdade, o que se logrou foi justificar a colonização de forma exploratória, observando o mundo somente sob a perspectiva europeia, dando a esta, a primazia sobre os outros povos (BHABHA, 1998; DUSSEL, 2005; ESCOBAR, 2005; GROSGUÉL, 2007; NENEVÉ, 2005).

Segundo Roberto Fernandez Retamar (2000), poeta e ensaísta cubano, é importante lembrar que as colônias britânicas ao norte do continente também foram vítimas da mesma forma. Embora tenha-se convencionado distingui-las como “colônias de povoamento”, nelas, as sociedades locais preexistentes também foram subjugadas com a chegada dos europeus. Salienta ainda que, quanto às lutas pelas independências, estas datam de 1804, com a proclamação da independência do Haiti (São Domingo), e estenderam-se até meados do século XX, com a Revolução Cubana (RETAMAR, 2000). Tais lutas foram marcadas por insurreições nacionalistas de caráter campesino contra as oligarquias latifundiárias locais e culminaram tanto na independência, quanto no aparecimento de diversos países principalmente, no sul do continente.

Já durante o período da Segunda Guerra Mundial, o autor destaca que o imperialismo Norte Americano recrudescera sua influência cultural e econômica, no intuito de evitar a expansão da ideologia socialista, a exemplo do que ocorreu em Cuba. Nesse momento, o movimento anticolonialista na América Latina e Caribe, surge com sua face política, por movimentos urbanos e rurais contra o capitalismo. Isto ocorre porque, a saída “mecânica” de Portugal e Espanha das colônias, não refletia exatamente na independência pretendida, pois a economia destes países era/é tão-somente baseada na produção de matéria prima para exportação e mercado consumidor dos produtos americanos e europeus. Assim, o crescimento destes países ficava subordinado à regulação internacional da economia neoliberal (RETAMAR, 2000, p.17).

Compreende-se, então, que a América Latina e também o Caribe foram as primeiras regiões a buscarem uma saída descolonial, considerando suas lutas por emancipação a estados-nações e suas lutas subsequentes pela independência econômica desses Estados, frente o Imperialismo norte-americano e europeu e sua política neoliberal.

Mesmo assim, a independência e a emancipação política das colônias não significavam a descolonização delas, mas apenas modificavam o modo colonial de ser. Isso, sem mencionar a herança cultural deixada pela língua, pelos hábitos e pelos modos de pensar que aqui fincaram raízes.

No Brasil, particularmente, segundo Retamar (2000, p.14):

(...) A diferencia de la América española, la América portuguesa, no obstante guerras civiles que hubieran podido desgarrarla, logró conservar su unidad; aun compartiendo con aquélla muchos rasgos comunes, también em otros órdenes prosiguió durante largo tempo um camino paralelo.

É possível, então, observar que muito tem o Brasil em comum com os vários países latino-americanos e caribenhos, desde o “descobrimento” até os dias atuais, pela nossa condição de países originados de ex-colônias.

Dessa forma, uma pesquisa e análise meramente estruturalista e positivista, como preconiza o racionalismo cartesiano, não atenderia ao chamado da Teoria Pós-colonial, pois é preciso ir mais além do que ao referir-se a gênero, estilo, figuras de pensamento e linguagem, personagens, etc., Isso não seria o suficiente para mim, sendo quem sou e falando/pesquisando do lugar onde estou, diante da

importância deste romance e deste escritor para os estudos Pós-coloniais, para os Estudos Literários e para a América Latina e Caribe, mas principalmente para a região Amazônica.

Reiterando o caráter de metafiguração de *A Voragem*, na perspectiva da pós-modernidade, recorre-se a fala de Mignolo (2003, p.16): “O fato de que a independência da maioria dos países latino-americanos foi conquistada no início do século IXI significava que o foco da discussão passava a ser a modernidade, e não a colonialidade; a pós-modernidade e não a pós-colonialidade”. Assim, Rivera, na época em que escreveu o romance, estava vivenciando em plenitude a pós-modernidade que ficou registrada em seu fazer literário, com suas preocupações tanto com a estética, quanto com o alcance do potencial político e social da literatura.

O fato mais importante que se pode inferir de todos esses dados e discussões apresentados é que a Amazônia de *A Voragem*, tanto em relação ao domínio político do espaço natural quanto à constituição de seu povo, não foi constituída de um dia para o outro, nem foi encontrada pronta com espaços urbanos, indústria, comércio e serviços. A Amazônia dessa obra é um empreendimento de séculos de colonização e ainda hoje continua expandindo seus horizontes em níveis inimagináveis.

2. O PENSAMENTO PÓS-COLONIAL

Minha ênfase na dimensão temporal na inscrição dessas entidades políticas (povo e nação) – que também são potentes fontes simbólicas e afetivas de identidade cultural – serve para deslocar o historicismo que tem dominado as discussões de nação como uma força cultural. (BHABHA, 1998, p.222).

A Teoria Pós-colonial sofreu os efeitos do tempo durante sua trajetória até os dias atuais. Desde o seu surgimento, logo após a Segunda Guerra Mundial, observa-se o desenvolvimento dessa teoria e a sua aplicabilidade em diversas áreas, tais como: literatura, filosofia, educação, ciências sociais, política e economia, estudos culturais, dentre outras. Ou seja, apesar de mais de sessenta anos de estudos pós-coloniais, ela vem mantendo-se atual e vivaz, propondo novas respostas para um velho problema, que agora, também apresenta uma outra face: a nova etapa do capitalismo global. Para até este pensamento, iremos nos deter antes, ao início da Teoria Pós-colonial.

Um dos primeiros autores a falar sobre colonialismo foi o martinicano Aimé Césaire que publicou em 1955, *Discourse sur Colonialism*. Poeta, teatrólogo e ensaísta, Césaire nesta obra, denuncia a indefensibilidade da Europa diante de seus crimes em nome da civilização, transformando tanto o colonizado quanto o colonizador em seres desumanizados. De acordo com o professor Miguel Nenevé (2005), foi este autor quem abordou, pela primeira vez, a questão psicológica de que Fanon tratará em *Os Condenados da Terra*, em 1961.

Esses dois livros foram publicados na França em que o contexto histórico em que eles estão inseridos era a então, fragilidade econômica e política da Europa do pós-guerra diante das guerras por independência das colônias africanas. De certa maneira, tais movimentos de libertação, foram auxiliados por estes trabalhos que ganharam visibilidade fora do continente africano. É importante observar o teor de

violência presente no discurso apresentado, naquele momento, não há negociação possível entre colonizado e colonizador. O alvo é independência total. Mesmo que seja utópica, já que a saída do colonizador dos países colonizados, não lhes devolve a independência linguística, cultural, econômica e psicológica.

Um dos primeiros autores pós-coloniais a tratar da questão da Literatura foi Octave Mannoni, filósofo francês, que publicou *Psychologie de la Colonisation* em 1950, obra em que aborda o aspecto psicológico da colonização, utilizando-se da metáfora *Próspero/Caliban (The Tempest)*. *Things Fall Apart* também foi um dos primeiros romances pós-coloniais, escrito pelo escritor nigeriano Chinua Achebe, e publicado em 1958, cujo personagem principal é um homem de uma tribo nigeriana e sua história conta como a influência do homem britânico esfacela o mundo em que ele vive. Em *Portrait du Colonisé Précédé de Portrait du Colonisateur* (1957), do escritor e ensaísta tunisiano Albert Memmi, temos novamente uma análise, tanto o colonizado quanto do colonizador, em uma obra cujo compromisso político era especificamente, a independência da Argélia.

Em 1978, Edward Said publica *Orientalism*, obra que expoe a violência do colonialismo que anula o outro, atrelando àquilo que não é europeu, marcas negativas que necessitam de melhorias promovidas pelos países colonizadores.

Apesar de o contexto histórico apontar para a independência das colônias, o grande alvo era o homem, o único sujeito que sobrevive ao colonialismo. A independência daquelas nações africanas estava também atrelada ao resgate do humano que sobrou dessas relações de dominação e subjugação do colonialismo.

Segundo Nenevé (2005, p.132), o termo “*postcolonial*” foi consolidado na academia quando da data da publicação do livro *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* por Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, em 1989. Esta obra reúne estudos sobre as obras anteriores e afirma o pós-colonialismo como disciplina das ciências humanas voltada para o problema do colonialismo.

2.1 Pós-colonialidade

Pós-colonialidade, nesse sentido, não significa que a colonialidade terminou (do mesmo modo que pós-modernidade tampouco significa isso), mas sim que se reorganiza em seus alicerces (modernidade/ colonialidade). (Walter Mingolo, 2003, p.134).

O termo colonialismo define a situação de dependência política e econômica de países do Terceiro Mundo⁹, mesmo que a conquista da independência política não encerre o processo de colonização. Segundo o sociólogo Immanuel Wallerstein (2000, p.255):

Daí a importância da invenção do conceito de Terceiro Mundo. Seu mérito foi o de lembrar a existência de uma imensa zona do planeta para a qual a questão primordial não era a do alinhamento em um ou outro campo, mas qual seria a atitude dos Estados Unidos e da União Soviética em relação a ela. Em 1945, a metade da Ásia, a quase totalidade da África, bem como o Caribe e a Oceania permaneciam colônias. Sem falar dos países "semi-colonizados". Para esse vasto mundo tutelado, onde a pobreza ultrapassava — e muito — a dos países "industrializados", a prioridade era dirigida à "libertação nacional".

A libertação nacional foi concedida porque as condições políticas e econômicas não suportavam mais a manutenção das colônias e por outro lado, porque a política neoliberal permitia então, uma nova forma de controle sobre estas. Assim, a independência foi só o início do processo de descolonização ainda em curso, uma vez que a emancipação política não apaga séculos de presença europeia nos países colonizados.

Ora, como esquecer uma língua e voltar a falar a língua de seus antepassados? Como resgatar a história de uma tribo que foi praticamente dizimada? Como voltar a acreditar nas crenças e praticar seus rituais, usar roupas e costumes se a realidade é outra, totalmente nova e diferente com usos, costumes e língua impostos pelo homem europeu? A colonização mostrou-se um processo de extermínio dos indivíduos de forma essencialmente psicológica/cultural, com vistas à manutenção do domínio da metrópole sobre a colônia. O que é uma pessoa sem passado, sem língua, sem histórias para contar para os seus filhos (a não ser aquelas que o homem branco o ensinou)?

Os autores seminais do pós-colonialismo sustentam esse extermínio psicológico/cultural e enfatizam que ele está presente nos dois lados da colonização, por infringir um agudo e crônico sistema desumanizante para ambos, colonizado e colonizador.

⁹ A expressão é de Alfred Sauvy, demógrafo francês que a empregou, pela primeira vez, no início dos anos 50, referindo-se aos países neutros durante a Guerra Fria. O Primeiro Mundo seria formado pelos países capitalistas e o Segundo Mundo, pelos países do bloco socialista. Fonte: <http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=50>.

Por isso, naquele momento histórico, a solução era ainda resistir, ir contra, atacar, como afirma o filósofo Jean Paul Sartre, no Prefácio de *Os Condenados da Terra*: “nenhuma suavidade apagará as marcas da violência, só a violência é que pode destruí-las” (SARTRE in FANON, 1968, p.14).

Dessa forma, apesar do arcabouço teórico existente para revelar a violenta desumanização do mundo, ainda era necessário persistir na força contra a força para pressionar a emancipação política dos países colonizados. Assim, a teoria pós-colonial, em seu primeiro momento, surge com duas frentes de atuação, são elas:

- a) Dar visibilidade internacional às lutas pró-independência.

Sartre auxiliou nesse item, ao escrever o prefácio de *Os Condenados da Terra* onde faz o seguinte convite:

[...] aproveitai para vos descobrir a vós mesmos em vossa verdade de objetos. Nossas vítimas nos conhecem por suas feridas e seus grilhões; é isto que torna seu testemunho irrefutável. Basta que nos mostrem o que fizemos delas para que conheçamos o que fizemos de nós... (SARTRE in FANON, 1968, p.8).

- b) Desenvolver os estudos da literatura pós-colonial, aqui entendida também como literatura anti-colonial. Um dos objetivos destes estudos era resgatar as histórias, usos e costumes abafados pela colonização, além de evidenciar o caos e a violência do colonialismo presentes no cotidiano dos países colonizados.

Desse ponto de vista, é possível o entendimento de que a Literatura Pós-colonial, como toda a produção literária feita durante o período da colonização, tendo ela sido produzida com objetivo de descolonizar ou não, por considerar-se o período pós-colonial, aquele que começa a partir da presença do colonizador no espaço não europeu sob a pseudo intenção de civilizar.

Nesse primeiro momento dos estudos pós-coloniais o homem foi o centro da atenção. Diante do exposto, infere-se que como resultado da colonização não houve sobrevivência da terra, da natureza, da história, da língua, dos objetos de exploração e mitificação. Apenas o homem teria sobrevivido ao processo de colonização: um homem fragilizado em suas bases psicológicas, sociais, culturais e históricas. Vários autores buscaram na literatura, os traços dessa desumanização vivenciada. A literatura produzida pela metrópole sobre as colônias (relatos de viagem) falava de um mundo inóspito, onde viviam selvagens, um mundo que carecia de salvamento moral e material (PRATT, 1999 p.27).

Foi, portanto, um momento único em que estudos de fundo pós-estruturalista, como o é o Pós-colonialismo, ganharam espaço junto à crítica literária vigente para analisar, sob outro ângulo, o cânone. É certo que não foi fácil, a Teoria Pós-colonial ainda hoje encontra resistência dentro da academia (NENEVÉ, 2005). Porém, seu alcance está maior e sua influência é sentida tanto no ensino de línguas, no ensino da literatura e nos estudos culturais (BONNICI, 1998). Torna-se indispensável ressaltar que, devido, talvez, ao contexto histórico em que nasce a Teoria Pós-colonial, seus autores desconsideram a experiência colonial nas Américas, segundo Retamar nos esclarece:

Lo que sucedió en *Culture and Imperialism*, como sucedió también *Orientalism*, es que los Estados Unidos de América –a los que Said ligera pero imperdonablemente se refiere como «América»- aparecen en la escena asumiendo el manto imperial después de la Segunda Guerra Mundial, pero sin ninguna consideración sustancial de los propios Orígenes de la nación como asentamiento de colonias británicas, españolas y francesas, así como tampoco de sus propios inicios imperiales en el Pacífico a mediados del siglo XIX, ni de su propia historia de «colonialismo interno», ni de sus propias guerras genocidas contra la población indígena de Norteamérica, ni de su propio aventureirismo en Centroamérica y el Caribe en este siglo XX [...] su análisis del imperialismo norteamericano carece de la profundidad-de-tiempo histórico y cultural que él aporta al material europeo [p.4] (RETAMAR, 2000, p.18).

Esta lacuna nos estudos pós-coloniais, sem demora, seria preenchida por outros pensadores.

2.2 Colonialidade: o pensamento das margens

No início da Teoria Pós-colonial, o homem era o centro das preocupações. Talvez por isso, as discussões sobre o sistema político-econômico ou mesmo, sobre o aparato epistemológico que levou o mundo europeu a lançar mão do projeto colonialidade, não se aprofundaram pois, como foi dito no capítulo anterior, havia outras prioridades.

A África não estava sozinha na colonização, a América Latina e o Caribe que haviam sido tomados, divididos e explorados, também participavam deste mesmo sistema de subjugação. Apesar disso, foram necessários cerca de 13 anos para que a Teoria Pós-colonial aportasse por aqui. Em 1968, “*Os Condenados da Terra*” ganhou uma tradução para o português e foi publicado no Brasil. Importante observar também, que enquanto a Europa via-se às voltas com as guerras pela

independência das colônias na África, na segunda metade do século XX, a América Latina sofria com a ditadura militar, que tinha por intuito reprimir os movimentos políticos de esquerda. Era mais um dos reflexos da Guerra Fria que afetavam o Terceiro Mundo.

Em 1996, havia na *State University of New York*, um grupo de estudiosos envolvidos com a questão pós-colonial na América Latina e Caribe. Este grupo chamava-se *Coloniality Working Group*, do qual faziam parte: Aníbal Quijano (sociólogo), Ramón Grosfoguel (sociólogo), Augustín Lao-Montes (sociólogo), Sylvia Winters (romancista) e Kelvin Santiago (sociólogo e diretor do grupo). Em 1998, juntaram-se a este grupo, em um encontro em Caracas, Walter Mignolo (semiólogo), Henrique Dussel (filósofo) e Arturo Escobar (antropólogo), e produziram o livro *La Colonialidad del Saber: eurocentismo y ciencias sociales*, publicado em Buenos Aires, em 2000.

Após uma série de congressos pela América Latina e Caribe e publicações reunindo pensadores de quase todos estes países, estes teóricos consolidam um aporte teórico sobre modernidade/colonialidade, complementando e avançando a Teoria Pós-colonial. O centro das discussões passou a se tornar o modo de produção capitalista com três frentes de ação:

a) Epistemologia cartesiana, como afirma Grosfoguel:

O "Cogito ergo sum" cartesiano ("Eu penso, portanto, eu sou") é o fundamento das ciências ocidentais modernas. Ao produzir um dualismo entre a mente e o corpo e entre a mente e a natureza, Descartes conseguiu reivindicar o conhecimento de visão não-situado, universal e de Deus. Foi o que o filósofo colombiano Santiago Castro Gómez chamou de "ponto zero" da perspectiva das filosofias eurocêtricas (Castro-Gómez 2003). O "ponto zero" é o ponto de vista que se esconde e se esconde como sendo além de um ponto de vista particular, isto é, o ponto de vista que se representa como sem um ponto de vista. É essa "visão de Deus" que sempre esconde sua perspectiva local e particular sob um universalismo abstrato (GROSFOGUEL, 2000).

Assim, segundo Grosfoguel, a epistemologia única contribui para que o sujeito do enunciado fique escondido. O Olho de Deus de que Grosfoguel fala, é o olho cristão, heterossexual e branco. A epistemologia ocidental é a epistemologia deste ego, desta forma, Grosfoguel defende então, uma geo-epistemologia, que acolhe o conhecimento local ou uma epistemologia de gênero em que se estabeleça a universalidade do conhecimento e não um único conhecimento ou uma única forma de produzir conhecimento. Por isso, Grosfoguel argumenta que os estudos

pós-coloniais ao utilizarem-se dessa mesma fórmula eurocêntrica de fazer ciência, terminam por reproduzir o velho esquema epistemológico: ao invés de falar da perspectiva do colonizado, fala-se sobre o colonizado. Talvez a proposta de Grosfoguel seja minar essa episteme por meio da descolonização dos estudos pós-coloniais, propondo uma discussão sobre aquele a quem a colonização mais afeta, ou seja, o humano.

b) A Modernidade inventou a Europa ou a Europa inventou a modernidade? O Eurocentrismo.

Para o filósofo argentino Enrique Dussel, a Europa é um conceito subjetivo criado em fins do século XVIII, conceito este, determinado por fenômenos locais e que estão internamente relacionados, tais como: A Reforma, O Iluminismo e a Revolução Francesa e A Revolução Industrial. A Modernidade seria constituída por todos esses fenômenos, mas, mesmo antes desses, todos os outros territórios já haviam sido considerados periferias por esse centro “moderno”. A Europa tornara-se não só, o centro geográfico do mundo, mas o centro político, cultural, econômico e histórico. Às outras regiões cabiam receber e aceitar o homem-branco-hétero-cristão-europeu (Grosfoguel, 2000), uma vez que tudo o que não era europeu, era incivilizado e precisava de salvação moral e intelectual. O conceito de modernidade deu à Europa num *status* de civilização a ser alcançado, sem jamais poder ser questionado por outro que não fosse igual.

c) A Colonialidade do Poder.

De acordo com esta concepção defendida por Aníbal Quijano, sociólogo peruano, foi mais do que um conceito de civilização imposto ao colonizado e sim, uma nova elaboração e divisão do trabalho que deu início a uma nova etapa do capitalismo, após as grandes navegações - a globalização:

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu no resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde

então, demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (QUIJANO, 2005, p.229).

Assim, as relações de trabalho ficaram divididas por intermédio da ideia de raça que foi criada pelo europeu, baseada em características físicas apenas, mas, com parco amparo científico que explicasse a dominação de um povo por outro. Dessa forma, os negros e negras eram escravizados, os índios e índias, condenados à servidão, os brancos eram assalariados, ocupando cargos dentro da colônia, conforme a escala social a que pertenciam. É pertinente ressaltar que no trabalho de Quijano, a modernidade cria, não somente o mito da Europa como centro do mundo, o meridiano zero, onde tudo começa, o ideal de civilização a ser alcançado, mas também, material e subjetivamente, a América.

A dinâmica temporal da Teoria Pós-colonial mostra que, por trás do dualismo Colonizado *versus* Colonizador, há uma estrutura sutil e ampla para a manutenção de um modo de produção, cujo poder encontra-se em mãos de muito poucos, desde a época das “descobertas”. Essa estrutura desumaniza as personagens desse processo, embrutecendo-as e afetando sua psique¹⁰.

O Humanismo europeu não foi feito para ser aplicado às colônias ou à periferia, ele permanece por direito, à metrópole, num processo que não poupa nem mesmo os agentes da colonização presentes na colônia. Os direitos à igualdade: de gênero, cor, etnia, etc., ainda têm de ser conquistados, assim como, a liberdade o foi, há alguns séculos atrás.

As alternativas que essa nova configuração dos estudos pós-coloniais apresenta, ainda podem ser consideradas utópicas como Grosfoguel (2005) afirma, porque dependem de uma mudança na epistemologia. Sim, o homem ainda é o principal atingido no processo de colonização, como foi denunciado no início dos

¹⁰ Psique: A psique refere-se a tudo o que é formado pelos fenômenos que ocorrem na mente humana. Sentimentos, pensamentos e percepções são funções desenvolvidas pela psique, que permite que o ser humano se relacione e se adapte ao meio por meio de processos. Fonte: Sociedade Brasileira de Inteligência Emocional. Disponível em: < <http://www.sbie.com.br/blog/entenda-o-que-e-psique-na-psicologia/> >. Último acesso em 25 de outubro de 2017.

estudos pós-coloniais. Mas a contribuição dos teóricos latino-americanos revela, neste momento, como aconteceu, o porquê e aponta alternativas diferentes das que foram apontadas no início da Teoria Pós-colonial. O mundo exige novas formas de agir e a literatura continuará contribuindo para a descolonização, porém com ferramentas mais sofisticadas.

A Americanidade desenvolvida pelos atuais teóricos do Pós-colonialismo, denuncia o surgimento da América atrelado ao surgimento da Europa. Mas assim como as navegações vieram junto com o desenvolvimento científico e tecnológico europeu daquela época, a Americanidade é reinventada com essa nova economia global que gira em torno do desenvolvimento tecnológico, da informatização, das redes sociais, espalhando todas as formas de expressão na América Latina e também no Caribe, numa perspectiva que acolhe a humanidade, resgatando todas as diferenças que foram suprimidas pela colonização (gênero, cor, religião, cultura, etc).

A luta teórica dos pós-colonialistas que se veem às voltas com pensadores Ocidentalistas (GROSFOGUEL, 2011) que falam de nós, sob a perspectiva deles, impede o avanço dos estudos sobre subalternidade. Enquanto essa perspectiva não for modificada, enquanto não nos apoiarmos em nossas próprias ideias para o desenvolvimento dos estudos pós-coloniais, cairemos na armadilha do colonizador.

Segundo afirma Mignolo:

(...) pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas. Se a pós-colonialidade não consegue romper com a epistemologia moderna, torna-se apenas outra versão dela, com um tema diferente. Seria, em outras palavras, uma teoria *sobre* um assunto novo, mas não a constituição de um novo sujeito epistemológico que pensa *a partir das e sobre as fronteiras* (MIGNOLO, 2003, p.159).

Especialmente falando, é preciso assumir o caráter universal de cada modo de pensar e agir, rejeitando a Modernidade enquanto projeto egocêntrico norte-europeu, a fim de mitigar a exploração das periferias e seus povos. Para o Centro ou a Metrópole, se escrevermos/pensarmos sobre nós é regionalismo, é margem, é periférico, somos o exótico a ser exibido como atração. É preciso ultrapassar essa epistemologia ocidental branca, hétero e onisciente. É dever da sociedade a adoção de epistemologias diferentes para o trato de assuntos diferentes.

2.3 A Descolonização dos estudos Pós-Coloniais

“Está provado que só é possível filosofar em alemão/ Se você tem uma ideia incrível/ É melhor fazer uma canção/ Está provado que só é possível fazer filosofia em alemão.” (VELOSO, 1981).

Walter Mignolo em *Histórias Locais, Projetos Globais* (2003) advoga o deslocamento da produção do conhecimento, da Europa para as ex-colônias, sejam elas latino-americanas, caribenhas, asiáticas ou africanas. Em outras palavras, defende que no lugar de se pensar o mundo a partir da Europa, de explicar o mundo a partir de fora, comece-se a pensar o mundo a partir das periferias. Isto porque, as civilizações latino-americanas e caribenhas (bem como as demais ex-colônias), não são consequência do pensamento europeu, como convencionou-se acreditar, mas que elas já existiam mesmo antes de serem transformadas em colônias. A defesa dessa tese reside também no fato de que conhecer a si mesmo por intermédio do ponto de vista das metrópoles, representa uma imagem vulnerável de dependência, o que impede a emancipação social, política, econômica e principalmente epistêmica. Ou seja, os países colonizadores tomaram para si, a tarefa de contar, descrever e teorizar sobre o Novo Mundo:

O mundo moderno vem sendo descrito e teorizado de dentro do sistema, enquanto a variedade das experiências históricas e coloniais vem sendo simplesmente anexada e contemplada a partir do interior do sistema (MIGNOLO, 2003, p.9).

Assim sendo, a globalização enquanto sinônimo do colonialismo global, modificou o colonialismo inicialmente implantado e diluiu a colonialidade do poder, identificada como uma influência material imposta pelo centro e presente nas colônias, e agora distribuída por todo o mundo, por meio das corporações transnacionais de origem norte-europeia. Ou seja, a colonialidade permanece norte-europeia, após a Guerra Fria, mas estende seus “braços invisíveis” a todos os países, sob forma de uma política desenvolvimentista, falsamente econômica, porém política e economicamente alinhada ao centro, segundo Mignolo:

O fim da Guerra Fria e, conseqüentemente, a falência dos estudos de área correspondem ao momento no qual uma nova forma de colonialismo, um colonialismo global, continua reproduzindo a diferença colonial em escala mundial, embora sem localizar-se em um determinado estado-nação (MIGNOLO, 2003, p.09).

Dando continuidade a essa linha de pensamento, Mignolo postula outra ideia: a do pensamento liminar, o qual oferece enunciados híbridos em diálogo com o pensamento hegemônico vigente, haja vista que responde a este, principalmente durante o fim do século XX, mesmo que os Estudos Pós-coloniais tenham desconsiderado o momento fundador da Modernidade (a invenção da Europa em antítese à América colonizada).

Para Mignolo, este raciocínio concorre para revelar o arcabouço teórico que sustenta o discurso hegemônico e evidenciar as perspectivas locais geoistóricas que atuam ou podem atuar nas transformações do mundo. Como ele mesmo afirma:

A diferença colonial cria condições para situações dialógicas nas quais se encena, do ponto de vista subalterno, uma enunciação fraturada, como reação ao discurso e à perspectiva hegemônica. Assim, o pensamento liminar é mais do que uma enunciação híbrida. É uma enunciação fraturada em situações dialógicas como cosmologia territorial e hegemônica (isto é, ideologia, perspectiva) (MIGNOLO, 2003, p.15).

Para tanto, torna-se necessário compreender a condição de colonialidade em que vivemos e a partir disso, desenvolver e adotar conceito de pensamento liminar que mitigaria a diferença colonial presente nos enunciados eurocêntricos. Em outras palavras, o reconhecimento dos saberes locais pelo próprio subalterno não pode vir atrelado ao modo de pensar que parte de um sujeito transcendental, mas de sujeitos históricos envolvidos em projetos globais.

No entanto, Mignolo vai além do conceito de pensamento liminar, isto porque para sustentar essa ideia, é necessária a distinção entre episteme e gnose liminar. Enquanto esta, representa a ascensão do saber subalternizado, aquela seria a afirmação de um saber hegemônico firmado na salvação através de Deus e carregado de preconceitos e preceitos subjetivos com a finalidade de manter o mercado global. Nesse sentido, nos esclarece que:

A gnose liminar, enquanto conhecimento em uma perspectiva subalterna, é o conhecimento concebido das margens externas do sistema mundial colonial/moderno; gnosiologia marginal, enquanto discurso sobre o saber colonial, concebe-se na intercessão conflituosa de conhecimento produzido na perspectiva dos colonialismos modernos (retórica, filosofia, ciência) e do conhecimento produzido na perspectiva das modernidades coloniais na Ásia, África, nas Américas e no Caribe. A gnosiologia liminar é uma reflexão crítica sobre a produção do conhecimento, a partir tanto das margens do sistema mundial colonial/moderno (conflitos imperiais, línguas hegemônicas, direcionalidade de traduções, etc.) quanto das margens externas (conflitos imperiais com culturas que estão sendo colonizadas, bem como as etapas

subsequentes de independência ou descolonização) (MIGNOLO, 2003, p.15).

Além disso, Walter Mignolo reitera os conceitos de Aníbal Quijano no que diz respeito à colonialidade do poder, originada em 1492, em acordo com o desenvolvimento do capitalismo e suas fases subsequentes, porém com premissas vigentes até os dias atuais, quais sejam:

- 1 – A adoção de uma epistemologia que sistematizasse e sancionasse a produção de conhecimento científico como forma de poder;
- 2 – O desenvolvimento de um aparato institucional e ideológico que representasse essa epistemologia;
- 3 – A utilização dessa epistemologia para classificar e reclassificar o fator humano de acordo com o seu papel nos mercados globais,
- 4 – A divisão espacial do mundo, a fim de satisfazer as necessidades do mercado;

A partir daí, Mignolo concebe a razão subalterna como um contra discurso `a colonização, iniciado após a Segunda Guerra Mundial, sem pretensões acadêmicas e cujo cerne residia basicamente em questões de raça, em outras palavras:

A razão subalterna é aquilo que surge como resposta à necessidade de representar e reconceitualizar as histórias narradas e a conceitualização apresentada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos e desenvolvidos e subdesenvolvidos, todos eles projetos globais mapeando a diferença colonial (MIGNOLO, 2003, p 143).

O surgimento do discurso Pós-colonial após a Segunda Guerra Mundial, excluiu a experiência colonial nas Américas e por isso, segundo ele, há pouco tempo começou a ganhar visibilidade no âmbito acadêmico, mesmo que ignorada nas ex-colônias latino-americanas. O fato é que para Mignolo, tais países buscaram respostas para os problemas locais amparados nos estudos sobre modernidade e pós-modernidade, muito embora a Teoria Pós-colonial tenha ganhado espaço nas academias norte-americanas com a presença de intelectuais latino-americanos e caribenhos, africanos e indianos.

Assim sendo, ele apresenta o conceito de “colonialismo interno”, desenvolvido por Rodolfo Stavenhagem e Pablo González Casanova, sociólogos mexicanos que pretendiam representar a realidade social dos países colonizados. Nesse

pensamento, o colonialismo interno concebe-se como uma necessidade das ex-colônias latino-americanas de garantir o Estado independente com o apoio de metrópoles europeias, o que resultou na maior penetrabilidade do “ocidentalismo” na América Latina e, por consequência, a imposição de reproduzir, internamente, atitudes colonizadoras, não só dentro dos países, mas também entre eles. O colonialismo interno seria o motivo pelo qual, apesar de mesma origem histórica, cultural e social, temos pouca unidade política entre os povos latino-americanos.

Assim, é perceptível que há um alinhamento de pensadores locais no sentido de ser imprescindível não só dar continuidade aos estudos pós-coloniais, por permitirem uma descolonização do saber, através da análise do eurocentrismo e do ocidentalismo; apostando na diversidade como um projeto de cunho universal; mas, mais importante ainda é, diante da crise epistêmica ocidental, revelar e aplicar os saberes locais, usufruindo do contexto geoistórico que nos encontramos.

Isto posto, concorrer para a descolonização da Teoria Pós-colonial significa desmitificar o cargo de produtores da diversidade cultural que foi dado às ex-colônias. O conhecimento ou a produção de conhecimento não pertencem a uma só região do mundo porque desenvolvimento econômico já não significa mais, desenvolvimento científico.

É necessário deixarmos bem claro que não percebe-se grandes diferenças no que concerne aos fundamentos do pós-colonialismo e das discussões de modernidade/ colonialidade (ou o Decolonial) dos pensadores Anibal Quijano, Walter Mignolo, Ramon Grosfoguel entre outros. O último movimento, na verdade, emergiu do primeiro. Há, portanto, mais uma diferença geográfica, valorizando o espaço onde os diferentes olhares e perspectivas são desenvolvidos. Como dito acima, o Decolonial é composto por sul-americanos que trabalham fora do continente, principalmente na América do Norte, no entanto, foram e são leitores de pós-colônias e fortaleceram seu argumento baseados, também, em leituras de autores usados por pós-coloniais. Walter Mignolo, por exemplo, eleva Frantz Fanon ao nível do filósofo Kant, fora da Europa. (REFERÊNCIA DO MIGNOLO).

Portanto, se o Pós-Colonial, como mostrado, emergiu de movimentos intelectuais que consolidaram o pensamento de Edward Said em Orientalismo, Homi Bhabha, Gayatri Spivak que trouxeram à tona as obras de Frantz Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire entre outros, o movimento da modernidade/colonialidade liderado autores da diáspora latino-americana, também trouxe questões de

colonização, descolonização, apontando novas questões do sistema mundial, teorias do desenvolvimento e subdesenvolvimento entre outros, mas, mantendo o princípio sobre a necessidade de descolonizar.

Argumenta-se que pequenas diferenças, não devem levar a separar em “caixinhas” o que é pós-colonial ou o que é decolonial. Mais do que tudo, acredita-se que o pós-colonial ou o Decolonial, considerando a localização geográfica, fundamentam-se no princípio da necessidade de lutar contra o eurocentrismo, contra a colonização do conhecimento, em favor da descolonização econômica e da descolonização da mente.

Sob esse ponto de vista, há ligações entre o pensamento desenvolvido por Hutcheon e pelos teóricos apresentados, associando a metaficção historiográfica e o romance de José Eustásio Rivera, buscando entender como se deu a representação da Amazônia, dentro daquele contexto histórico e revelar o caráter descolonizador da obra

3. A AMAZÔNIA EM A VORAGEM

3.1 Contexto histórico de A VORAGEM

O grande produto exportado pelo Brasil em meados do século XIX era a borracha, se comparada a outras matérias primas como café, açúcar, cacau e etc; isso porque o papel desempenhado pelas colônias sul-americanas era primordialmente abastecer as metrópoles europeias. Porém, nessa época não nos referimos mais à Espanha e Portugal, e sim, à Inglaterra, país berço da Revolução Industrial e aos Estados Unidos (LEANDRO, 2014).

A borracha, ou o caucho, ou ainda a *hevea* era conhecida dos europeus, desde o século XVI e até início do século XIX, quando o Brasil era o maior exportador de produtos manufaturados com esta matéria prima. Ela era encontrada também em países como Colômbia, Peru e em alguns países do Caribe, porém, a borracha de melhor qualidade era a brasileira (*Hevea brasiliensis*¹¹), (SOUZA, 2009). Segundo a professora e pesquisadora Ana Pizarro:

A obtenção da resina é trabalhosa, especialmente devido ao lugar onde é encontrada, em geral um lugar emaranhado e repleto dos perigos da selva. No começo, pensaram que as árvores que produziam a resina cresciam somente na parte alta, na Amazônia andina; depois, ficou evidente que também havia borracha na parte plana. As plantas mais comuns são a *Havea Brasiliensis* e a *Castilloa Ulei*, a primeira produz o látex e a segunda o caucho (PIZARRO, 2012, p.114).

No início, o Brasil conquistou o mercado externo com produtos manufaturados, como botas, capas de chuvas e roupas impermeabilizadas. O alvoroço nos Estados Unidos pelas propriedades e utilização da nova matéria foi

¹¹ A seringueira *Hevea brasiliensis*, da família das Euphorbiaceae, é nativa da região amazônica e a principal fonte de borracha natural, e matéria-prima de grande importância econômica e de qualidade superior ao produto sintético (GOUVÊA, 2009).

grande. Naquela época, o mundo estadunidense e inglês era dominado pelo ferro, aço e madeira, e as possibilidades de utilização desta matéria prima eram enormes.

No entanto, com o advento da Segunda Revolução Industrial, o mercado externo não se contentava mais com os rudimentares produtos brasileiros, foi então que se intensificou a extração da borracha nos países amazônicos. Dessa forma, Inglaterra e Estados Unidos poderiam produzir produtos comercialmente mais atraentes e com mais qualidade.

3.2 José Eustásio Rivera

José Eustásio Rivera nasceu em 19 de fevereiro de 1888, no povoado de San Mateo, no departamento de Huíla, situado ao norte da Colômbia. Segundo, Isaias Peña Gutierrez, colombiano e biógrafo de Rivera, este povoado tinha sua economia baseada em produção de café, cana-de-açúcar e arroz. Em homenagem ao autor de *A Voragem*, Huíla recebeu o nome de Rivera em 1943 (GUETIERREZ, 1988).

Nascido no seio de uma família de onze irmãos, seus pais, José Eustásio Rivera e Catalina Salas tiveram vínculos na política e no meio militar e eram de origem campesina. No lado paterno, seus tios exerceram cargos na administração pública, no meio militar e na educação. Pelo lado materno, a família, tem fortes ligações no exército colombiano, comerciantes, artesãos e estudiosos das letras.

Seus primeiros estudos começaram em sua cidade natal, em colégios de influência católica. Segundo Gutierrez: “Entre las labores del campo y las lecturas en la casa de San Mateo, que allá dirigía don Eustasio y acá doña Catalina, fue fraguándose la personalidad ciudadana y literaria del futuro poeta y novelista.” (GUTIERREZ, 1988, p.10). Desde a infância revela-se uma personalidade sensível à paisagem natural que o cerca, compondo seus primeiros poemas, aos 14 anos, quando estudava no colégio San Luis Gonsaga de la Mesa de Elías, dirigido pelos Irmãos Maristas. Porém, não conseguiu se adaptar ao clima austero do convento e voltou para o campo, um ano depois.

Em 1906, conseguiu, com ajuda de políticos e religiosos do departamento de Huíla, uma bolsa para continuar seus estudos na Escola Normal de Bogotá, nessa época, já estava perto de fazer 18 anos de idade:

En ese caserón de la calle 15, entre carreras 15 y 16, de Bogotá, bajo la rectoría del Hermano Juan, Rivera principió sus estudios a partir del 2º año

de Normal “en vista de su buena letra, su facilidad para la lectura y sus conocimientos de aritmética” hasta terminar su secundaria pedagógica (GUTIERREZ, 1988, p.12).

Foi nessa mesma época em que conheceu os escritores colombianos Antonio Gómez Restrepo (a quem dedicou a primeira edição de *A Voragem*) e Miguel Antonio Carro. Essas amizades contribuíram para que Rivera tivesse seus primeiros poemas publicados nos jornais *Sur América* e *El Artista*. Abandonou os estudos por motivo de saúde, pois acompanhava-lhe “uma dor de cabeça e uma mal-estar geral”, apresentando esse sintoma durante toda a vida. Trabalhou como inspetor escolar na Escuela Normal em Ibagué (capital do departamento de Tolima). Continuou escrevendo e publicando seus poemas, tornando-se cada vez mais conhecido.

Em 1911, Colômbia e Peru encontravam-se em disputa pelas fronteiras, momento que ficou conhecido como batalha de La Pedrera. Esta disputa territorial despertou em Rivera sua preocupação com os rumos do país, segundo afirma o escritor colombiano, Gustavo Álvarez Gardeazábal:

Allí conoce a don Custodio Morales, quien lo introduce en los relatos mitológicos de la región amazónica. Allí sabe Rivera a mediados de julio de 1911, del enfrentamiento entre la guarnición colombiana apostada en La Pedrera y las tropas peruanas del general Benavides (GARDEAZÁBAL, 2000, p.83).

Da mesma forma, Gutierrez relatou as leituras de Rivera, nesse período de sua vida: *Las Crueldades em el Putumayo en el Caquetá*¹² e *El libro rojo de Putumayo*¹³ e *Paris al Amazonas*¹⁴, em que aprimora seus conhecimentos sobre seu país. Em 1912, aos 24 anos, regressou para a capital do país, onde começou seus estudos no curso de Direito da Universidad Nacional, enquanto trabalhava no Ministerio de Gobierno.

Naquele momento, o país passava por agitações políticas, principalmente devido ao tratado Urrutia-Thompson, no qual o governo colombiano propunha aos Estados Unidos que este se comprometesse em pagar a quantia de 25 milhões de dólares, como ressarcimento por separar a Colômbia do istmo. Apesar de ter sido aprovado pelo congresso colombiano, não foi aceito pelo então presidente

¹² Vicente Olarte Camacho, Bogotá, 1910.

¹³ Cornelio Hispano, 1913.

¹⁴ Idem.

estadunidense Theodore Roosevelt¹⁵. Tais acontecimentos exacerbaram o nacionalismo de Rivera.

Data de 1916 sua primeira viagem às planícies orientais da Colômbia, percorrendo cerca de 123 km, a cavalo ou mula, conhecendo cidades e povoados como Cáqueza e Villavicêncio, que futuramente fariam parte da narrativa de *A Voragem* (GUTIERREZ, 1988).

José Eustásio Rivera tornou-se bacharel em Direito em 1917, apresentando como pesquisa final, a tese: *Liquidación de las herencias*. Por este motivo, foi procurado por José Nieto para representá-lo numa ação civil de herança que envolvia a posse de gado, em terras às margens do rio Meta. Porém, ao chegar em Orucué:

Rivera, guiado más por su sentido moral de justicia que por las formalidades de los códigos, pasó a defender en el proceso sucesório a quein, en principio, era su contraparte, Josefa Estévez viuda de Oropeza. El juicio de “Mata de Palma” (llamado em La Vorágine, “Hato Grande”) y “Mata Vaquero”, fue fallado em el Tribunal Superior de Santa Rosa de Viterbo a favor de Nieto en septiembre de 1919, después de haber pasado en su primera instancia por las manos de seis jueces (GUTIERREZ, 1988, p.20-21).

Essa viagem, foi de grande importância para a escrita de *A Voragem*, pois durante o período em que passou na fazenda, conheceu Luis Franco Zapata e Alicia Hernandez Carranza, um casal que havia fugido de Bogotá e conhecia as fronteiras entre Colômbia e Venezuela, bem como, as condições de vida do caucho e do interior da Amazônia. Foram as histórias contadas por Zapata que fundamentaram boa parte de *A Voragem* (GUTIERREZ, 1988).

Em 1920, volta a Bogotá, onde retoma seus afazeres e inicia a escrita de *Tierra de Promisión*, convivendo com os poetas colombianos da época, ou seja, a chamada Geração do Centenário, bastante influenciada pelas vanguardas europeias finisseculares (GUTIERREZ, 1988).

Tierra de Promisión foi publicado em 1921, contendo 55 sonetos divididos em três partes: “*La selva*”, “*Las cumbres o montañas*” e “*El llano*”. Essencialmente descritivos, os sonetos valorizavam a ligação entre o homem e a natureza. Nesta obra fica evidente o fascínio que a natureza exercia sobre Rivera (ZANETTI, 2003, p.10).

¹⁵ Este tratado só foi assinado em 1922.

Além desse livro, escreveu também *Juan Gil*, peça teatral em que apresenta uma temática voltada para a crítica aos costumes sociais. Os biógrafos, no entanto, não chegaram a uma conclusão acerca da data em que foi produzida. A data aproximada está compreendida entre o término de seu bacharelado e a publicação de *Tierra de Promisión*.

Em 1922, finalmente foi aprovado pelos Estados Unidos, o tratado Solomón-Lozano, e como consequência disto, o Conselho Federal Suíço determinou a demarcação dos limites das fronteiras entre Colômbia e Venezuela. Em virtude das experiências de Rivera no campo e aliando-se a isso seu desejo de aprofundar mais seus conhecimentos sobre as planícies amazônicas, de que somente tinha ouvido falar, aceitou o convite para ser o secretário jurídico da 2ª. Comissão Demarcadora de Limites com a Venezuela, em meados desse mesmo ano. Nessa época, já havia escrito a primeira parte de *A Voragem*, fruto da amizade com Zapata.

Os custos da operação de demarcação das fronteiras, ficaram por conta da Venezuela, entretanto, tendo a Comissão saído em 19 de setembro de 1922, no final de outubro, ainda estavam sem os instrumentos necessários para a realização de tal empresa. Mesmo assim, continuaram a navegar pelo rio Orinoco. Chegaram às proximidades do encontro do Orinoco com o rio Meta, de onde não poderiam avançar mais devido à falta dos materiais (bússolas, mapas, medicamentos, etc). Rivera, então, renunciou ao cargo de secretário jurídico e decidiu continuar a viagem por conta própria.

Em janeiro de 1923, resolveu retornar a Comissão, atendendo a um pedido do Ministro das Relações Exteriores. Nessa viagem, vivenciou a natureza amazônica, as chuvas torrenciais, o sol escaldante, a malária, os mosquitos, mas também conheceu a exuberante beleza da região e ademais, conheceu os tipos humanos que viviam ali. Acima de tudo, fez da floresta seu campo de pesquisa para a escrita de *A Voragem*.

Na ocasião, começou a investigar a venda de seringueiros colombianos ao brasileiro Miguel Pezil, que também se tornaria personagem de seu livro. Para tanto, era necessário adentrar no Brasil, nas proximidades do encontro do rio Negro e Vaupés, o que ocorreu em junho de 1923, onde constatou a escravidão dos trabalhadores. Já em Manaus, por meio do Consulado Colombiano, Rivera reiterou ao cônsul, suas preocupações sobre a invasão peruana em território colombiano e sobre o tráfico e escravidão de seringueiros, atos praticados segundo ele,

principalmente pela Casa Araña. Todas as denúncias foram encaminhadas para o Ministro das Relações Exteriores. Regressaram a Bogotá em setembro de 1923. Ressalte-se aqui que durante a viagem continuava a escrita de *A Voragem*. É importante dizer que os limites entre Colômbia e Venezuela foram demarcados sem os instrumentos necessários, permanecendo imprecisos, à época.

Em seu retorno denunciou novamente as violências e abandonos sofridos pelos caucheiros colombianos na fronteira, tanto na imprensa quanto no Congresso, porém sem conseguir a empatia das autoridades governamentais. Nesse mesmo período, tomou posse como suplente na Câmara de Representantes.

De volta a Bogotá, após um breve intervalo, necessitando de mais material documental sobre a Casa Araña e sobre as atividades dos seringueiros peruanos e brasileiros na fronteira, seguiu para o interior, percorrendo diferentes caminhos para chegar ao rio Caquetá e assim entender as rotas dos invasores. Após tais incursões e pesquisas, finalizou *A Voragem*, apenas dois anos depois de tê-lo iniciado.

Sendo sua obra mais conhecida, foi publicada em 25 de novembro de 1924, pelo Editorial Cromos, tendo sido ele próprio, o revisor. Sua intenção era dar visibilidade ao trabalho escravo infligido aos caucheiros na fronteira, em função dos lucros da Casa Araña. Para tanto, lançou mão de documentos oficiais, dos relatos de Francisco Zapata e de suas investigações *in loco*, como podemos observar, segundo sua biografia mais consultada:

A más del Prólogo firmado por Rivera (una carta al Ministro), un fragmento de una carta de Arturo Cova (en realidad es Rivera), un cauchero, y Clemente Silva (en realidad, es el mismo cauchero anterior), respectivamente, en un alarde de tecnicismo literario que sorprendería muchísimos años después (GUTIERREZ, 1988, p.43).

A repercussão desta obra trouxe para Rivera a confiabilidade em realizar outras atividades investigativas como membro da Câmara de Representantes, uma vez que sua atitude imparcial apontava sempre para a defesa dos interesses públicos.

Após intensa atividade política, viajou a Nova Iorque para fundar o Editorial Andes, em abril de 1928, com o intuito de evidenciar a produção literária da América Latina. Naquela cidade, deu conferencias e divulgou o livro, permanecendo ali até o dia de sua morte, em 1º. de dezembro de 1928. A causa da sua morte não pode ser

definida pelos médicos, no entanto, suspeita-se das fortes dores de cabeça que sentiu ao longo da sua vida, às vezes, confundida com a malária.

Aos quarenta anos de idade, Rivera conheceu quase todo o território colombiano, especialmente, as fronteiras. Veio ao Brasil, atuou na vida política de país, interna e externamente, sempre aperfeiçoando-se no conhecimento da região amazônica, seus problemas, seus costumes, seus grupos humanos.

Em 2007, Carlos Manuel Herrera S. J. publicou pela Editora da Pontifícia Universidad Javeriana, uma edição crítica de *Tierra de Promisión*, contendo além dos 55 sonetos da obra original, os poemas que Rivera compôs em sua adolescência, a peça teatral *Juan Gil*, informações bibliográficas sobre o autor e sobre as outras edições de *A Voragem*. Segundo ele, *A Voragem* foi traduzida para outros cinco idiomas, além do português: francês (*La vorágine*), russo (*Puchina*), alemão (*Der Strudel*), checo (*Vir*) e inglês. Esta última, com tradução de Earl K. James (*The Vortex*), por volta de 1928.

No Brasil, segundo o professor Foot Hardman, por volta de 1935, *A Voragem* teve sua primeira edição em 1935, no entanto, não há informações concretas sobre a editora que o publicou ou mesmo quem foi o tradutor do romance. Consta também, uma publicação de *A Voragem*, em *O livro no Brasil: sua história* de Laurence Hallewell, datada da época da ditadura, feita pela Revista Leitura, cuja finalidade era divulgar obras que reafirmassem a cultura afro-brasileira, porém, da mesma forma, não há informações sobre o tradutor ou mesmo que edição de *A Voragem* foi utilizada para a tradução.

4. A VORAGEM

Eu me interesso muito mais em refletir criticamente sobre a colonialidade e em pensar a partir da vivência dela do que em identificar traços distintivos nacionais (ou subcontinentais, isto é, latino-americanos). Walter Mignolo. (2003, p.38)

Em pleno ciclo extrativista da borracha nos países latino-americanos, a Colômbia vivenciava as mazelas decorrentes desse comércio. O regime de trabalho semiescravo, associado à exploração dos recursos naturais era usual nos países que exportavam a borracha para Europa e Estados Unidos.

O escritor, de origem campesina e sensível admirador da natureza (a exemplo de seus poemas em *Terra de Promisión*), mostra-se sensibilizado pelo desamparo em que se encontram os caucheiros na fronteira entre Brasil, Colômbia e Venezuela. Sua escrita dramática e poética ao mesmo tempo, revela um panorama aterrador com a intenção de denunciar tais desmandos e libertar os trabalhadores da selva. A preocupação com os seringueiros fica explícita desde o Prólogo, no qual o próprio autor se insere na ficção como mero revisor dos diários deixados por Arturo Cova:

Senhor Ministro:

De acordo com os desejos de V.Exa. arrumei para publicação os manuscritos de Arturo Cova, remetidos a esse Ministério pelo Cônsul de Colômbia em Manaus.

Nestas páginas respeitei o estilo y até as incorreções do infortunado escritor, sublinhando unicamente os provincianismos de mais caráter.

Acho, salvo melhor opinião de V. Exa., que se deva publicar este livro antes de se ter mais notícias dos seringueiros colombianos do Rio Negro ou Guáinia; mas se V. Exa. resolver o contrário, rogo que se sirva comunicarme oportunamente os dados que obtenha para adicioná-los à guisa de epílogo.

Sou de V.Exa. muito atencioso servidor.

José Eustásio Rivera (RIVERA, 2013, p.39).

Ao assinar o Prólogo, o autor infere um referencial de verdade à história narrada no livro, usando de sua notória personalidade de escritor e servidor público do Ministério das Relações Exteriores da Colômbia. Com efeito, tudo o que se escreve tem relação com a realidade, porém em caráter ficcional, mas o efeito que se produz é colocar o autor e o leitor como testemunhas de tais fatos, na medida em que eles vão se desdobrando (GUETIERREZ, 1988).

O romance é escrito em primeira pessoa, tendo como narrador, o protagonista Arturo Cova, enquanto Rivera, ao que parece, somente assume o Prólogo para dar-

lhe melhor visibilidade aos fatos narrados. É como se o autor assinasse junto com a personagem a escrita do livro e estes estivessem intimamente ligados por esta mesma escrita. Além deste narrador, entrecortam a narrativa, as vozes de outras personagens que auxiliam na descrição da paisagem amazônica, como Clemente Silva e Pipa.

Arturo Cova inicia sua história rememorando os motivos que o levaram a sair fugido de Bogotá com Alícia, isto ocorre quando ambos encontram-se perto de Vilavicêncio, rumo à Casanare (distrito da Colômbia). Estas lembranças têm como função ao apresentar o leitor as personagens centrais e a motivação que as leva ao interior do país. Alícia moça de família abastada, tem um casamento arranjado com um velho terratenente a quem ela rejeita. Por outro lado, Arturo, pretendo poeta, homem sedutor acostumado a ganhar mulheres sem muito esforço, confessa-se entediado com a vida que leva e encontra em Alícia, a redenção para esse modo de vida:

Mais que o namorado, fui sempre o dominador cujos lábios não conheceram súplica (...). Quando os olhos de Alícia me trouxeram a desventura, já havia renunciado à esperança de sentir um afeto puro. Em vão, meu braços – entediados de liberdade – estenderam-se diante de muitas mulheres implorando uma corrente para eles. Ninguém adivinhava meu sonho. Continuava o silêncio em meu coração (RIVERA, 1982, p.09).

Talvez por isso, a aventura de fugir com Alícia para o interior da selva, parece-lhe mais atraente e, é na verdade, a fuga do tédio, a busca de uma outra existência que lhe faça sentido. A partir da fuga das personagens Arturo Cova e Alicia, de Bogotá para o interior do país (o lhano, a planície amazônica), percebemos que cada uma das personagens tem motivações diferentes para essa ação.

Arturo é um poeta, que assim se descreve:

Ganhei de muitas mulheres a fama de galã obsequioso, graças ao costume de fingir, para que minha alma se sinta menos só. Por todas as partes fui procurando com que distrair minha inconformidade e, de boa fé, ansioso por renovar minha vida e por resgatar-me da perversão; (...) (RIVERA, 1982, p.09).

E assim, autodescrevendo-se como contumaz sedutor, Arturo pretende que o seu envolvimento com Alicia lhe resgate desta vida “entediante”. Alícia por sua vez, busca fugir de um casamento arranjado por sua família com um velho latifundiário. Ambos, no entanto, não estão apaixonados verdadeiramente um pelo outro. A fuga

seria uma forma de aventurar-se e de lutar contra os destinos predeterminados pela vida que levam. Logo de início, travam alguns diálogos em que o arrependimento pela fuga, angustia a ambos diante da incerteza dos sentimentos que os uniu.

A princípio, apresentando-se como um homem galanteador, porém enfadado desta vida, ele procura em Alícia a mulher que arrebataria o seu coração e daria um novo sentido a sua existência. Arturo sempre imagina um romance romântico, um comportamento romântico, diante da vida. Ele imagina cenas idílicas entre ele e Alicia, tanto boas quanto más. Talvez por isso, imaginou uma traição para tornar o seu romance, cheio de aventuras e fazer-se de herói diante de Alicia. Fica claro, porém, o seu arrependimento ao tomar Alicia de sua família de forma tão impensada:

Com relação a Alicia, o problema mais grave quem leva sou eu, que sem estar apaixonado vivo como se estivesse suprimindo a minha fidalguia o que ternura não pode dar, com a convicção íntima de que minha idiossincrasia cavalheiresca me empurrará até o sacrifício, por uma dama que não é a minha, por um amor que não conheço (RIVERA, 1982, p.20).

Enquanto que sobre Alicia, sabe-se que apenas aquilo que nos permite o narrador-protagonista, utilizando-se inclusive de discurso indireto para sua fala no início da narrativa:

Ainda que não te ame como queres, dizia, por acaso deixarás de ser o homem que me tirou da inexperiência para entregar-me à desgraça? Como poderei esquecer o papel que desempenhaste em minha vida? Como poderás pagar-me o que deves? Não será namorando as camponesas das pousadas, nem fazendo-me ansiar por teu apoio para depois abandonar-me. Mas se é isso o que pensas, não te afastes de Bogotá, porque já me conheces. Serás o responsável! (RIVERA, 1982, p.14).

A princípio Alícia é descrita como uma moça de caráter apaixonado, educada, tímida e frágil que com o intuito de fugir de um casamento arranjado caiu nos braços de Arturo Cova, porém, ao fim da história torna-se perceptível que sua personalidade surpreende até mesmo a Arturo.

No início da narrativa, ambos estão inseguros quanto à ideia de estarem juntos. De fato, o amor romântico não parece ser o laço que os une, senão o desejo de construírem seus destinos por suas próprias mãos.

Neste momento, a personagem de Dom Rafo surge, como amigo do pai de Arturo e oferece-lhes abrigo em *La Maporita*. Já na localidade de Casanare, iniciam-se as primeiras descrições sobre a paisagem: “(...) Um regozijo inesperado nos

enchia as veias, enquanto que nossos espíritos, dilatados com o pampa, elevavam-se agradecidos da vida e da criação” (RIVERA, 2013, p.53). Ainda assim, é necessário lembrar que as descrições iniciam nos llanos colombianos e somente depois adentram a selva amazônica, porém para atingir os objetivos da pesquisa, daremos mais ênfase aos trechos que falam sobre a vida dos seringueiros na floresta.

A *Voragem* ao tratar da vida na floresta amazônica, enfoca sua narrativa nas condições dos caucheiros - trabalhadores contratados para a extração do caucho - chamando atenção para o tráfico de pessoas e o regime de escravidão em que viviam. A partir do Prólogo infere-se que o objetivo da história era denunciar as condições de vida desses trabalhadores: violência física, humilhações, afastamento da família, doenças tropicais e fome. Este objetivo fica vai ao encontro da biografia do autor uma vez que o seu interesse sobre a paisagem e os problemas da Colômbia.

A partir das lembranças de Arturo Cova, vamos conhecendo sobre sua aventura na floresta colombiana, seu encontro com os mais diversos tipos humanos presentes naquele contexto histórico, bem como as condições sociais daquele espaço. A não ser quando, na Terceira Parte do livro, a personagem Clemente Silva torna-se narrador em alguns trechos da obra, relatando sua vida como seringueiro. Esta personagem é tão importante na trama que ela merece, do autor um tratamento especial, ele não fala por ela, permitindo-lhe um relevante espaço dentro do enredo.

O desenrolar da trama fica a critério dos acontecimentos e das lembranças de Arturo que passa a anotar, à guisa de diário tudo o que acontece. Quando ele começa a fazer isto, seu objetivo também é denunciar às autoridades colombianas, os desmandos na fronteira perpetrados pelos donos de barracões, tanto venezuelanos quanto brasileiros e peruanos, assim como a fragilidade das fronteiras entre esses países. Desta forma, unifica-se as intenções do narrador às do autor do livro.

As personagens principais eleitas para o desenvolvimento desta pesquisa são, levando em consideração sua importância na narrativa, além de Arturo Cova e Alícia; Narciso Barrera e Clemente Silva. Narciso Barrera é um contratador de homens e mulheres para o seringal do Vichada, próximo à fronteira com a Venezuela. Clemente Silva é o representante do caucheiro colombiano, que entrou na selva à procura do seu filho Luciano Silva.

À volta dessas personagens surgem outras que tem o papel de dar suporte para as ações das personagens centrais, além de serem a representação dos sujeitos sociais múltiplos presentes nos seringais, inclusive representando personagens históricos da região, naquela época, quais sejam; os indígenas, o caboclo, os jagunços, o guarda-livros e os comerciantes estrangeiros. Há que se ressaltar também, a presença de um naturalista francês, representando talvez, a presença de cientistas estrangeiros, de diversas áreas, na selva, personagem comum no gênero relatos de viagem.

A história se passa no início do século XX, coincidindo com o período entre-guerras, e o 1º Ciclo da Borracha, no Brasil, essa data é inferida pelo leitor diante dos fatos narrados. O uso industrial da borracha, incentivado pela descoberta da vulcanização por Charles Goodyear em 1838, aumentou o interesse americano e europeu pelo látex (SOUZA, 2009). Como foi dito antes, o Brasil era o principal produtor, porém havia países que também produziam borracha de qualidade inferior, conhecida como caucho: Colômbia, Peru e Venezuela. No entanto, a narrativa situada nesse contexto histórico, fica vinculada também, às lembranças do narrador. Deste modo, o fluxo fica entrecortado, a não ser a partir do momento em que Arturo decide escrever seus relatos no livro caixa:

Vai para seis semanas que, por insinuação de Ramiro Estévanes, distraio a ociosidade escrevendo as notas da minha odisséia, no livro de Caixa que o Cayeno tinha em cima de sua escrivaninha como adorno inútil e empoeirado (RIVERA, 1982, p.197).

Apesar da narrativa iniciar com Arturo relatando sua fuga para o Casanare, o enredo é linear, ou seja, segue a ordem cronológica dos fatos. Sem demora, o leitor fica familiarizado com o emprego de *flashbacks* pois, tanto o narrador-protagonista, quanto Clemente Silva se permitem lembranças de fatos que ocorreram não só com ele mesmos, mas também, lembram-se relatos de outras personagens. O tempo presente em *A Voragem* é o tempo do narrador, ou seja, um tempo psicológico, relembrado ao sabor de seu estado mental, se não, observemos:

Enquanto minha memória se embaçava com essas lembranças, uma claridade avermelhada, acendeu-se subitamente. Era a fogueira do reflexo insone, colocada a poucos metros da rede dormir para conjurar a espreita do tigre e outros riscos noturnos (RIVERA, 1982, p.14).

Essa fala inicia a terceira parte do primeiro capítulo do livro, logo após o narrador apresentar sua motivação para a fuga com Alicia. Dessa forma, percebe-se que apesar do enredo estar sob o comando do narrador, o autor utiliza o tempo e as memórias das personagens de forma prática, para apresentar o espaço, desenvolver a trama, etc.

A partir do encontro do casal Alicia e Arturo com outras personagens, dá-se também, o encontro do leitor com a realidade do comércio extrativista da borracha na selva amazônica, que foi um dos fatores que levaram à separação do casal de protagonistas. Reencontrar Alicia é a motivação que leva Arturo cada vez mais para dentro da floresta, levando o leitor a conhecer junto com ele a floresta e seus habitantes, associando a isso, a vingança contra Barrera.

Durante toda a história, temos um narrador que concentra na sua capacidade de armazenar informações, para melhor fundamentação de sua denúncia. A Amazônia é o espaço onde tudo acontece, porém, o tempo em que tudo acontece determina um outro tipo de colonização e a presença de outros tipos humanos. Ao narrador-protagonista cabe ordenar os acontecimentos. A importância de ele lembrar cada detalhe de cada fato narrado, reside na veracidade de suas denúncias. Muito embora, o espaço seja evidenciado, isso ocorre por ser um elemento visível da narrativa, o tempo (que é invisível) é o que permite uma descrição em conformidade com a ideia que se objetiva transmitir.

Observa-se, porém, que a função do espaço é agregar à narrativa, as características socioeconômicas, psicológicas e morais do contexto histórico em que estão inseridas.

Dessa forma, o espaço amazônico é explorado na obra, já que o narrador percorre quase todo o território colombiano, avançando pela fronteira com o Brasil e chegando até Manaus, expondo dessa forma, a importância econômica e social daquela metrópole brasileira. A narrativa traz descrições sobre o clima, as paisagens, a fauna e a flora da região como no caso do *llanos orientales*, onde a natureza é, dependendo do ritmo dos acontecimentos, como acolhedora e redondora. Como se todos os esforços humanos fossem recompensados pela beleza natural da paisagem que os envolve. Esse reflexo acolhedor também é um recalque das próprias expectativas das personagens diante de seus futuros incertos:

E a aurora surgiu entre nós; sem que percebêssemos o momento preciso, começou a flutuar sobre os restolhais um vapor cor-de-rosa que ondulava

na atmosfera como leve musselina. As estrelas adormeceram, e nas distâncias de opala, ao nível da terra, apareceu um presságio de incêndio, uma pincelada violenta, um coágulo de rubi. Sob a glória do alvorecer racharam o ar os patos chiadores, as garças morosas como estriticores. E de todos, do restolhal e do espaço, do estero e do palmeiral, nascia um hálito jubiloso que era vida, era acento, claridade e palpação. Enquanto isso, no arrebol que abria seu pálio incomensurável, dardeou o primeiro clarão solar e, lentamente, o astro, imenso como uma cúpula ante o assombro do touro e da fera, rodou pela planície, avelhando-se antes de subir ao azul.

Alícia, abraçando-me chorosa e enlouquecida, repetia essa súplica: “Meu Deus, meu Deus! O sol, o sol!” (RIVERA, 1982, p.17).

Por outro lado, também é possível observar a personificação da floresta em um ser monstruoso e poderoso, que domina os humores, os sentimentos e as ações das personagens. Esse monstro seria a personificação de um modelo de trabalho e exploração que privilegia o colonizador e relega o nativo à condição sub-humana:

Deixa-me fugir, ó selva de tuas penumbras enfermizas, formadas com o hálito dos seres que agonizaram no abandono de tua majestade! Tu mesma pareces um cemitério enorme, onde apodreces e ressuscitas! Quero voltar para as regiões onde o segredo não aterroriza ninguém, onde é impossível a escravidão, onde avista não tem obstáculos e onde o espírito se exalta na luz livre (RIVERA, 1982, p.88).

Outrossim, verifica-se que o autor lança mão de variados recursos estilísticos na composição das descrições do espaço e dos fatos narrados pelas personagens, sendo as mais comuns, as figuras de comparação e as figuras de transformação, dentre as quais, a prosopopeia destaca-se por sua profusão em falas onde a natureza assume papéis humanos, indo gradativamente de uma boa influência a uma má influência na vida das personagens, como se fosse a própria natureza responsável pelo seus estados psicológicos.

Na primeira parte da obra, é possível observar quão leve ainda é o contato ou a “contaminação” das personagens pela natureza, uma vez que ainda estão no lhano, onde as imagens criadas são de calma e amplidão, conferindo certa segurança e esperança diante do porvir, com vemos, por exemplo em:

Através da gaze do mosqueteiro, nos céus sem limites, via as estrelas pestanejarem. As folhagens das palmeiras que nos davam abrigo emudeciam sobre nós. Um silêncio infinito flutuava no âmbito, tingindo de azul a transparência do ar (RIVERA, 1982, p.18).

No entanto, o desenvolver do enredo reserva para as personagens, momentos de muita apreensão, principalmente dentro da floresta, no cauchó:

Aqui, de noite, vozes desconhecidas, luzes fantasmagóricas, silêncios fúnebres. É a morte, que passa dando a vida. Ouve-se o golpe da fruta, que ao abater-se faz a promessa de sua semente; o cair da folha, que enche o monte com um vago suspiro, oferecendo-se como adubo para as raízes da árvore materna; o estalido da mandíbula que devora com medo de ser devorada; o assobio de alerta, os ais agonizantes, o barulho do arrote. E quanto a alvorada rega sobre os montes sua trágica glória, inicia-se o clamor sobrevivente: o zumbido da perua chiadora, os retumbos do porco selvagem, as risadas do machado ridículo. Tudo pelo júbilo breve de viver algumas horas mais. (RIVERA, 1982, p.161-162).

Essas imagens negativas são tanto mais agravadas quanto mais as personagens tornam-se aflitas sobre o destino que lhes aguarda, uma vez que na natureza reside as angústias que lhes advém. Além destes sentimentos, havia também as doenças tropicais, tais como malária e beribéri, que contribuíam para o recrudescimento da sensação de desamparo. Logo, a entrada na floresta significava uma saída que poderia custar-lhes a vida. Mesmo estando em companhia de experientes *rumberos*¹⁶, indígenas e caboclos, a selva permanecia devoradora, muito mais que inóspita. Este efeito é obtido por meio de figuras de linguagem: potencializar o caráter sombrio e devastador da natureza amazônica naqueles que nela se encontram. O leitor, desta forma se vê, condoído pela dramaticidade dos destinos das personagens. Ora, vítimas do comércio desonesto da borracha e de suas consequências (as violências físicas e psicológicas infringidas a eles), ora à mercê da floresta. A tensão da narrativa, o destino incerto destes miseráveis conduz o leitor até o fim do romance.

Ao mesmo tempo, ao embrenhar-se na selva, Arturo sente-se em comunhão com a natureza descrita utilizando-se de personificação, comparação e gradação:

Enquanto prosseguíamos silenciosos, a terra começou a lamentar-se pela submersão do sol, cujo vislumbre empalidecia sobre as praias. Os ruídos mais ligeiros repercutiam em meus ser, consubstanciado a tal ponto com o ambiente que era a minha própria alma que gemia e a minha tristeza que, tal como um alente opaca, enchia de penumbra todas as coisas. Sobre o panorama crepuscular, meu desconsolo foi-se ampliando, como a noite, e lentamente como única sombra borrou os perfis dos bosques estáticos, a linha da água imóvel, as silhuetas dos remadores... (RIVERA, 1982, p.90).

Na terceira parte do livro, a história chega ao clímax com o reencontro de Arturo e Alicia, após muito sofrimento de ambos. Arturo no início do livro, demonstrava dúvida quanto à natureza de seus sentimentos por Alicia, incerteza

¹⁶ No Glossário do livro, esta palavra é traduzida como “o que sabe orientar-se”. Uma denominação para mateiro.

esta que o acompanha durante quase toda a obra e que desaparece ao encontrá-la novamente.

No caminho para a construção deste destino, encontram um velho amigo do pai de Arturo, Don Rafo, que os guia até o sítio La Maporita, propriedade de Don Fidel e Griselda, onde ficam hospedados. É neste local que tem contato com Narciso Barrera, aquele que será responsável pela separação dos dois protagonistas. Barrera tem pretensões de levar Griselda para o seringal do Vichada, seduzindo-a com presentes e estende este convite a Alícia, fato que desperta em Arturo a desconfiança de que Alicia o abandonaria para ir com Barrera. Esta personagem representa do ponto de vista da colonialidade o poder do colonizador nas colônias. É ele quem executa o trabalho de recrutar a mão de obra, torná-la escrava e aplicar-lhes castigos.

A insegurança de Arturo com relação a Alicia, desperta-lhe o ciúme e o brio do homem traído. Esta querela converte-se na separação dos dois e no sequestro de Griselda e Alícia por Barrera com a finalidade de usá-las como escravas no caucho. Todavia Arturo, acredita que ambas fugiram por vontade própria com o recrutador de caucheiros.

Assim termina a Primeira Parte do livro, com o incêndio de La Maporita por Don Fidel e com o início da busca pela infiel Alícia.

Acometido pela malária e numa espécie de transe pelos acontecimentos passados, já não sente tanta certeza da infidelidade de Alícia. Seus sentimentos oscilam entre saudade e ódio:

Além do que, aquela que foi a minha amante tinha seus defeitos: era ignorante, caprichosa e colérica. Faltava revelo em sua personalidade: vista sem a lente da paixão amorosa, aparecia a mulher comum, a de encantos atribuídos pelos admiradores a que a perseguem. Suas sobranceiras eram mesquinhas, seu pescoço era curto, a harmonia de seu perfil um bocadinho convencional. Desconheceu a ciência do beijo e suas mãos foram incapazes de inventar a menor carícia. Jamais escolheu um perfume que a distinguisse; sua juventude cheirava como a de todas. Qual a razão de sofrer por ela? Tinha que esquecer, tinha que rir, tinha que começar de novo. Meu destino assim o exigia, assim o desejavam, tácitos, meus camaradas (...) (RIVERA, p.93, 1982).

No rastro de Alicia, ocorre o encontro do protagonista com a personagem Pipa que havia sido escravizado desde criança. Vivia entre os brancos, entre os caucheiros e indígenas de diversas tribos. Esta personagem apresenta um instinto peculiar de sobrevivência, tornando-se pouco confiável, porém servil. Como

conhecedor dos rios e das tribos da região, Pipa bem como os indígenas são imprescindíveis aos que querem adentrar a selva. Mas esse reconhecimento não é feito. Sua história de vida representa a realidade dos negros escravizados, além de lhe garantir espaço na narrativa, como vemos:

Errante e desnudo, viveu na selva mais de vinte anos, como instrutor militar das grandes tribos, no Capanaparo e no Vichada; como seringueiro, no Inírida e no Vaupés, no Orinoco e no Guaviare, com os piapocos e os guahibos, com os banivas e os barés, com os cuivas, os carijonas e huitotos. Mas exercia sua maior influência nos guahibos, os quais havia aperfeiçoado na arte das guerrilhas (RIVERA, 1982, p.92).

As referências feitas aos *guahibos* e *maripueños* dentro da obra são derivadas de preconceitos e dessa forma, são tratados pelas demais personagens com hostilidade, desprezo e escárnio, sendo vistos quase como animais que necessitam de domesticação. A personagem Tiana, de origem cabocla, assim, os descreve:

-Os *pelados* também gostam da savana: que digam o dano que fazem. Em que não se vê para enlaçar um touro! Necessita achar-se bem montado e que o potro empurre. E eles o pegam de pé, numa corrida limpa, e os desfraquecem um após outro que dá gosto. Até quarenta reses por dia, e devoram uma, e as demais para os *zamuros*¹⁷ e os *cariacaris*¹⁸ (RIVERA, 1982, p.43).

O narrador por sua vez, endossa essa perspectiva sobre os nativos que os estavam auxiliando:

O chefe da família me manifestava certa frieza que se traduzia em um silêncio depreciativo. Eu tentava adúlá-lo de várias maneiras, com o desejo de que instrísse em suas tradições, em seus contos guerreiros, em suas lendas; inúteis foram as minhas cortesias, porque aquelas tribos rudimentares e nômades não tinham deuses, nem heróis, nem pátria, nem passado, nem futuro (RIVERA, 1982, p.97).

Sobre essa perspectiva, o autor corrobora o pensamento colonial que transforma o indígena em força de trabalho, embora preguiçosa, e que pouco teria a contribuir para com a “civilização”, são os povos sem história de que Mignolo fala em:

“Os povos sem história” situavam-se em um tempo “anterior ao “presente”. Os povos “com história” sabiam escrever a dos povos que não a tinham. No

¹⁷ Urubus.

¹⁸ Falcões.

início do século 20, Max Weber transformou o discurso dos missionários sobre essa lacuna em celebração da conquista, pelo Ocidente, do verdadeiro saber como valor universal (MIGNOLO. 2003, p.23).

Para Arturo, os indígenas, os caboclos, os negros eram os “povos sem história”, reproduzindo do pensamento europeu sobre a periferia, neste caso sobre a América Latina. No entanto, é importante ressaltar que ele mesmo, Arturo Cova mesmo que não seja considerado assim, é “sem história”. Dessa forma, a colonialidade do poder, dependendo da perspectiva adotada está presente tanto em macro relações de produção, quanto em micro relações interpessoais. A colonização de uma forma geral, enfraquece a visão de si mesmo e de seu papel social, porque o modo de pensar não é mais próprio do indivíduo ou de sua comunidade, mas vem imposto do centro para as periferias e se instala como algo natural “sempreexistente”.

Mesmo considerando-se como um homem civilizado e polido, o próprio Arturo chicoteia Pipa, como castigo por ter ajudado os maipurenhos a planejar uma fuga:

Cortando a discussão, decidi flagelar o Pipa e encomendei tal tarefa aos seus cúmplices. Serpenteando mais que as chicotadas, implorava clemência, em meio a gemidos e chegou até a invocar o nome de Alicia. Por isso, quando saiu o primeiro sangue, ameacei-o atirá-lo para os caribes. Então fingiu que desmaiava, ante o assombro angustioso dos maipurenhos e guahibos, aos quais adverti que a partir daquele momento dispararia sobre qualquer um que se levantasse do chinchorro sem dar o aviso regulamentar (RIVERA, 1982, p.115).

O temor dos caboclos e nativos justificava-se pela violência e escravidão que sofriam e que se estendia pelo departamento de Vichada, além de conceberem as águas do rio Inírida, como “malditas”. Este temor concretizou-se com a morte desses indígenas numa corredeira rochosa, por não conseguirem equilibrar a canoa em que estavam, como podemos observar em:

Quando entrávamos no Inírida, o mais velho deles me pediu encarecidamente, em um tom que era misto de súplica e de ameaça: “Deixe-nos regressar ao Orinoco. Não atravesse essas águas que são malditas. Acima, seringais e guarnições. Trabalho duro, gente maluca, matam os índios” (RIVERA, 1982, p.114).

O desejo de chegar ao Vichada justificava-se por resgatar além de Alicia e Griselda, os outros homens que foram escravizados por Barrera para o trabalho no seringal, informação que chega por intermédio da personagem de Helí Mesa, amigo de Don Rafo que os acompanha, desde então. A partir daí, o narrador, refém do

pessimismo, passa a descrever a viagem pela selva e as dificuldades provocadas pela falta de conforto, a malária, o medo dos animais, as picadas dos mosquitos, fome e as mudanças climáticas:

Mesmo com ignorados rios nos oferecendo pesca, a falta de sal nos mingou o alento e os pernilongos se somaram aos morcegos. Todas as noites açoitavam os mosquiteiros, rangendo, e era indispensável cobrir os cachorros. Em volta da fogueira o tigre rugia e houve momentos em que os tiros dos nossos fuzis alarmaram as selvas, sempre intermináveis e agressivas (RIVERA, 1982, p.109).

Essas condições eram advindas do delírio febril provocado pela malária, doença que acomete o nosso protagonista de forma crônica. Nestes momentos, pensa em suicídio, sente-se como morto e sonha com sereias. Não há quinino, nem qualquer outra medicação a não ser as “beberagens” ensinadas pelos nativos ou pelos próprios caboclos seringueiros, porém não funcionam e o padecimento da malária o acompanhará por toda a história, assim como uma enxaqueca acompanhou o autor do romance até o fim de sua vida.

Já dentro do território dos seringais, Arturo e Fidel conhecem Clemente Silva, personagem representante dos caucheiros, o qual ocupa um espaço diferenciado na narrativa. É a forma do autor contar a história de cada componente humano que faz parte da vida no caucho (primeiro o indígena, depois o caucheiro). Clemente tornou-se caucheiro em busca de seu filho e tinha passado por todos os padecimentos possíveis, castigos físicos, humilhações e fome:

- Madona, não me trate assim, pois já não estamos nos seringais! Já estou farto de sofrer por filhos ingratos! Já estou há oito anos andando atrás daquele que fugiu e ele, talvez, enquanto sinto saudades dele, nunca terá pensado em achar-me! A dor dessa idéia é suficiente para abreviar o meu pesar, porque sou capaz de, em qualquer momento, soltar o timão do bongo e jogar-me n'agua! Só quero saber se Lucianito ignora que estou procurando-o; se dava com meus avisos nos troncos e nos caminhos; se se lembrava de sua mãe! (RIVERA, 1982, p.149).

No fim da Segunda Parte do livro, Clemente descobre que a busca por seu filho vivo, havia chegado ao fim: “uma árvore o matou”. Porém, inicia sua busca pelos despojos do filho e ainda, por também denunciar a situação de degrado dos caucheiros colombianos. Devido a sua experiência, Clemente Silva tem o mesmo pensamento pessimista que o narrador, reflexo do universo social de poder e violência:

A selva transtorna o homem, desenvolvendo seus instintos mais desumanos: a crueldade invade a alma como o espinho intrincado e a cobiça queima como febre. A ânsia por riquezas convalesce o corpo já desfalecido e o cheiro da borracha produz a loucura dos milhões. O peão sofre e trabalha com o desejo de ser o empresário que possa um dia sair para as capitais para esbanjar a borracha que está levando, para gozar das mulheres brancas e para embebedar-se meses inteiros, sustentado pela evidência de que nos montes há mil escravos que dão sua vida em troca da procura desses prazeres, como ele o fez para seu amo anterior (RIVERA, 1982, p.123-124).

Clemente é caucheiro e por meio de sua fala, obtem-se a denúncia do tratamento impiedoso dado `aqueles trabalhadores (indígenas, caboclos, mulheres e crianças): escravidão, castigos físicos, torturas, agressões verbais, estupro, prostituição, assassinatos cruéis, etc. Da mesma forma, ele também relata a presença de um “explorador e naturalista francês”, cuja expedição era custeada por donos de seringais e que ia observando plantas, insetos, resinas. Este por sua vez, ao conhecer a história de Clemente, compadeceu-se do caucheiro e intencionou denunciar os desmandos:

Esses crimes, que envergonham a espécie humana – costuma dizer-me – devem ser conhecidos em todo o mundo para que os governos se apressem em remediá-los. Mandou anotações para Londres, Paris e Lima, acompanhando retratos de suas denúncias e os tempos passaram sem que se notasse nenhum remédio. Então decidiu ir queixar-se com os empresários, juntou documentos e me enviou com cartas para La Chorrera (RIVERA, 1982, p.138-139).

O que sucedeu após esse fato, foram mais castigos físicos contra Clemente que, termina a história do naturalista francês assim: “O infeliz nunca mais apareceu!” (RIVERA, 1982, p.140). Sob esse ponto de vista, Clemente, em certa altura de seus relatos, concebe a vida do seringueiro confundindo-se com a árvore da seringa:

Enquanto ajusto no tronco gotejante o talo canalizado do *caraná* para que o seu pranto trágico corra em direção à taça, a nuvens de mosquitos que o defende, chupa o meu sangue e o vapor dos bosques turva os meus olhos. Assim, a árvore como eu, com tormentos diferentes, somos lacrimojantes diante da morte e nos combateremos até sucumbir! (RIVERA, 1982, p.156)

A narrativa continua, desta vez, sob o comando de Arturo Cova, que tece reflexões sobre a história de todas as personagens e a dele mesmo. Recrudesce o seu discurso pessimista, e no meio da floresta sofre o que Clemente denomina de “feitiçaria da montanha”:

pela primeira vez, com todo o seu horror, a selva desumana se dilatou diante de mim. árvores disformes sofrem o cativeiro das trepadeiras forasteiras, que a grandes distancias as juntam com as palmeiras e se despenduram numa curva elástica, semelhantes a redes mal-estendidas, que à custa de armazenar durante anos inteiros a folhagem caída, chamiça, frutas, desfundam-se como um saco de podridão, esvaziando na relva répteis cegos, salamandras bolorentas, aranhas peludas (rivera, 1982, p.160-161).

Ao mesmo tempo em que Arturo cria imagens antitéticas reconhecendo o caráter renovador daquele ambiente, conclui: “pobre fantasia dos poetas que só conhecem as solidões domesticadas!” (RIVERA, 1982, p.161). A fauna e a flora são apresentadas em contraste às imagens da poesia convencional, repleta de romantismo e sentimentalismo, de forma negativa. São ressaltados detalhes minuciosos do funcionamento daquele ecossistema, reconhecendo a finalidade de cada indivíduo, de cada espécie animal e vegetal, na constituição de toda aquela paisagem, que segundo Arturo culmina numa “selva sádica e selvagem” para o homem (RIVERA, 1982, p.162).

Ao concluir este raciocínio o narrador volta-se para a presença do homem civilizado na selva:

Não obstante, o homem civilizado é o paladino da destruição. Há um valor magnífico na epopéia desses piratas que escravizam seus peões, exploram o índio e se debatem contra a selva. Atropelados pela infelicidade, do anonimato das cidades, lançaram-se aos desertos procurando um fim qualquer para sua vida estéril. Delirantes de impaludismo, despojaram-se da consciência e, conaturalizados com todo risco, sem outras armas que a Winchester, ansiando gozos e abundância, no rigor da intempérie, sempre famélicos e até desnudos porque as roupas se apodreciam sobre a carne. Por fim, um dia, no penhasco de um rio qualquer, erguem uma palhoça e se chama “amos de empresa”. Tendo a selva como inimigo, não sabem a quem combater e investem uns contra os outros e se matam e se subjugam nos intervalos do seu denodo contra o bosque. E é digno de ver-se em alguns lugares com suas pegadas são semelhantes às avalanchas: os seringueiros que existem na Colômbia destroem anualmente milhões de árvores. Nos territórios da Venezuela o *balatá* desapareceu. Dessa maneira, exercem a fraude contra as gerações do porvir (RIVERA. 1982, p.162).

Além da destruição do espaço causada pela exploração da borracha, observa-se no parágrafo acima, o impacto psicológico sofrido tanto pelo colonizador quanto pelo colonizado, como revela Fanon em *Os Condenados da Terra*, pois a colonização bestializa a ambos num processo crônico e sistêmico, como bem nos revela Aimé Césaire:

Seria preciso estudar, primeiro, como a colonização se esmera em *descivilizar* o colonizador, em *embrutecê-lo*, na verdadeira acepção da

palavra, em degradá-lo, em despertá-lo para os institutos ocultos, para a cobição, para a violência, para o ódio racial, para o relativismo moral, e mostrar que, sempre que há uma cabeça degolada e um olho esvaziado no Vietnã e que na França se aceita, uma rapariguinha violada e que na França se aceita, um Magaxe supliciado e que na França se aceita, há uma aquisição da civilização que pesa com o seu peso morto, uma regressão universão que se opera, uma gangrena que se instala, um foco de infecção que alastra e que no fim de todos estes tratados violados, de todas estas mentiras propaladas, de todos estes prisioneiros manietados e “interrogados”, de todos estes patriotas torturados, no fim desta arrogância racial encorajada, desta jactância ostensiva, há o veneno instilado nas veias da Europa e o progresso lento, mas seguro, do *asselvajamento* do continente (CÉSAIRE, 1978, p. 3).

A chegada das personagens ao Guaracú encaminha a narrativa para o fim, acrescentando personagens que fizeram parte da história da Amazônia e que estavam envolvidos no comércio e extração da borracha. A narrativa chega ao clímax com o encontro de Arturo e Alicia e com a terrível morte de Barrera.

A imagem final é destes personagens adentrando cada vez mais a selva: Arturo, Fidel, Heli, Alicia e seu filho recém-nascido:

Sim, é melhor deixar esse rancho e refugiarmos-nos na selva, dando tempo para que o velho Silva chegue. Improvisaremos algum refúgio a curta distância daqui, onde seja fácil a nosso amigo encontrar-nos e se consiga leite de *seje* para o menino (RIVERA, 1982, p.226).

A escolha dramática da narrativa imprime a ideia de que antes de que as autoridades colombianas tomassem as medidas jurídicas acertadas para os vilões da história, a própria selva encarregou-se de fazer justiça pelos crimes cometidos, imputando-lhes a morte.

Outra ideia que fica implícita é que não há vítimas nessa história. De certa forma, todos foram vilões e foram condenados: os indígenas foram punidos com a colonização e os seringueiros com a perda de boa parte de suas vidas em trabalhos escravos. A floresta lhes havia devorado a humanidade e lhes retirado qualquer esperança de futuro melhor, tal é o conteúdo pessimista que se sobressai das páginas de *A Voragem*.

Quanto à sorte das personagens, o Epílogo nos esclarece:

O último cabograma do nosso Cônsul, dirigido ao senhor Ministro e relacionado com o destino de Arturo Cova e seus companheiros, diz textualmente:
“Faz cinco meses que Clemente Silva os procura em vão. Nem rastros deles. A selva os devorou!” (RIVERA, 1982, p.229).

A proposta inicial de Rivera ao escrever *A Voragem* era então, denunciar os gravíssimos crimes cometidos contra os caucheiros colombianos na fronteira Colômbia/Brasil/Venezuela, todavia, temos uma narrativa que mascara a ideologia branca, hétero e cristã trazida pelos europeus Grosfoguel (2005).

O narrador-protagonista expressa-se gradativamente de forma negativa sobre a floresta, de acordo com o seu estado psicológico, repetindo os conceitos colonizadores sobre a Amazônia e seus habitantes: selvagens, incivilizados, carentes de moralidade e religião. Essa degradação da psique é explicitada nos primeiros momentos da Teoria Pós-colonial, como resultado do processo de colonização. Porém, como se observa, o narrador-protagonista demonstra este estado psicológico agravando-se paulatinamente, com o passar do tempo.

As demais personagens da narrativa refletem em suas ocupações, as divisões de trabalho que foram criadas pelos europeus (QUIJANO, 2005). Isso fica demonstrado pela escravização dos caucheiros colombianos, do trabalho servil dos índios, a prostituição das mulheres bem como, a autoridade que o estrangeiro exerce sobre o comércio da borracha, através de seus capatazes, guarda-livros, caixeiros e donos de barracões.

Não é possível esquecer que os cauchos ou seringais, na maioria das vezes, contavam com o capital estrangeiro que financiava o mínimo para a manutenção da extração da borracha, como a *Peruvian Rubber Company* que recebia dinheiro da Inglaterra. Isto posto, observa-se na narrativa, uma divisão de tarefas e classes sociais, a fim de garantir a produção de matéria-prima para o comércio exterior. Os estrangeiros eram os donos dos barracões, os comerciantes que estavam no topo da produção, Esta estrutura de comércio é parte determinante da globalização. Desta forma, é possível observar a divisão identitária e social do trabalho, por meio do controle do trabalho, a invenção de raças e subclasses para beneficiar o mercado mundial, numa estrutura econômica que gira em torno do capital.

Em função da narrativa depender, em grande parte, dos relatos de Arturo Cova e de suas memórias e, do contexto histórico tão minuciosamente estudado por Rivera, temos um romance que associa ficção e história de forma contemporânea, principalmente se levarmos em conta a intenção declarada do autor de fazer de sua obra uma denúncia. Mais do que isso, temos também um autor que se insere de forma clara na obra, através do Prólogo.

A Voragem foi escrita, segundo o autor, com a finalidade de servir, não só como registro das atrocidades praticadas contra o ser humano nos cauchos, mas que fosse primordialmente um instrumento político contra elas. Neste sentido, considerando os elementos da narrativa, principalmente o espaço, *A Voragem* foi mais além do que pretendeu Rivera, ela tornou-se testemunha do papel da Literatura como ferramenta de modificação da sociedade e testemunha do colonialismo na Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resguardadas as diferenças culturais de cada país, *A Voragem* narra um tempo, a história e de um povo, que sofria igualmente desde sua origem, as mazelas provocadas pela colonização. Dividiam inclusive o mesmo espaço: a Amazônia. Mas de que Amazônia fala-se em *A Voragem*?

Com o intuito de descobrir como foi feita a representação do espaço amazônico em *A Voragem*, foi necessário antes, relembrar que a Amazônia faz parte de um outro território, convencionalmente conhecido por América Latina, ou seja, a parte do continente americano que foi colonizada por países de ibero-americanos, principalmente Espanha e Portugal. Denominação que excluiu os outros países que também foram colonizados, porém por outros países europeus, Inglaterra, França e Holanda. Dessa forma, excetuando-se os Estados Unidos e Canadá, ao falar em colonização no continente Americano, adotamos para tentarmos sermos justos, os vocábulos América Latina e Caribe. Dentro deste espaço, marcado historicamente pela colonização, exploração e subjugação de seus povos nativos, temos a Amazônia, cuja maior parte pertence ao Brasil, tendo o restante de seu espaço sido dividido entre outros oito países, inclusive àqueles colonizados por Inglaterra, França e Holanda.

Em nenhum momento o narrador menciona alguma data que possa nos guiar mais precisamente a data específica em que se passam as ações do livro. Temos apenas indícios da época do que no Brasil estudamos como 1º Ciclo da Borracha, por volta do fim do século XIX e início do século XX. A história se passa na região entre as fronteiras entre Colômbia, Brasil e Venezuela.

Para o narrador, o tempo existe dentro dele, um tempo psicológico que influencia nas suas percepções sobre o espaço. Assim, a colonização por atingir espaços tão amplos, rompe fronteiras, adquirindo um caráter atemporal para os que encontram sob seu domínio.

Reside nessa constatação a importância desta pesquisa. De fato, é preciso ler *A Voragem* pelo estudo dos recursos estilísticos empregados por seu autor. É necessário lê-lo para conhecer melhor os nossos vizinhos hispano-americanos e caribenhos e sair do insulamento epistêmico em que nos encontramos, refletido através de uma colonialidade interna. Em busca de fortalecer uma identidade

própria, em que pese nossas diferenças e desta forma, dar a resposta de que Fanon fala: uma resposta continental para uma colonização continental. Trata-se também de evidenciar a universalidade das diferenças e preservar os saberes locais da influência do ocidentalismo. O pensar não pertence a uma raça, uma região ou país, ele é dom do ser humano, e por isso não pode ser objeto de colonização.

Mas é preciso também, ler *A Voragem* com cuidado e o devido entendimento sobre o período em que foi escrita. As leis de mercado que regiam o comércio de borracha, ditavam poucas ou poucas condições dignas de trabalho. Lembrando que o comércio exercido era de caráter meramente exploratório, com ausência de investimentos na produção ou com investimentos mínimos. Não faltam verdades na escrita de Rivera.

O problema é a representação monstruosa da Amazônia, descrita como a grande entidade maléfica devoradora de vidas. Ora, se o objetivo inicial da obra era denunciar a escravidão dos seringueiros, por que o autor terminou culpando a floresta?

Trata-se tão somente, da mesma representação tecida pelos colonizadores há quase sete séculos. Massificando os aspectos negativos da floresta, doutrinando um modo de pensar e agir colonizador. A perpetuação de algumas memórias em detrimento de outras, a escolha em esquecer ou omitir fatos, ou a criação de acontecimentos, fazem parte da invenção do espaço amazônico, bem como da própria América Latina e Caribe. Esse conjunto de memórias e esquecimentos terminam por cultivar uma identidade, ou fixar uma identidade local e deixá-la ganhar espaço como se houvesse sempre existido. Quase todas as colônias apresentam sempre as mesmas fragilidades: pouco povoadas, espaço e fator humanos incivilizados, falta de moral religiosa. Assim como o continente Americano, a Amazônia foi criada em contraste com a Europa, tomando por modelo, as culturas grega e hindu.

Justifica-se, portanto, a escrita de Rivera plena dessas inculcações de cunho colonialista. Sem deixarmos de observar que o sistema colonialista/colonizador se configura sutilmente como natural, como sempre existido, talvez pela epistemologia cartesiana, o meridiano zero, o olho cego do deus invisível escondido por detrás desta epistemologia.

Por outro lado, ao construir um texto que é composto de índices de realidade e índices de ficção, Rivera se aproxima, de outro ponto zero, aquele descrito por

Ludmer (2013). Um ponto que aparece com o século XXI, onde as literaturas produzidas na América Latina vivenciariam uma nova possibilidade, a de burlar, através do advento da internet e da massificação das redes sociais, as imposições mercadológicas das editoras. Apostando desta forma que estas ferramentas contribuiriam para modificar a produção literária.

Logo, fica constatado em *A Voragem*, características de um romance atemporal e de um autor ousado estilisticamente e à frente de sua época, capaz de apresentar em 1924, algumas características de metaficção historiográfica. Um autor que ao lançar mão de pesquisas históricas e geográficas para escrever sua obra, equipara-se a autores contemporâneos como Márcio Souza e Milton Hatoun.

Quando se fala que o colonialismo é atemporal, pressupõe-se mecanismos sutis de controle social, tais como, aqueles incutidos e que até hoje permanecem vivos, apesar de não possuírem amparo nenhum, nem científico, filosófico ou mesmo religioso. Tratam-se de questões como os mitos da invenção da América Latina e da Invenção da Amazônia, que continuam ignorando a existência de outros países que foram colônias, mas que não tem origem latina. Caso sejam ignorados Suriname, Guiana e Guiana Francesa, como colônias, também estaremos negando a Holanda, Inglaterra e França como Metrôpoles.

Dessa forma, José Eustásio Rivera esteve mais uma vez a frente de seu tempo, pois antes de sua morte, aos 40 anos de idade, já havia viajado e conhecido por quase todo território do seu país, parte da Amazônia brasileira, venezuelana e peruana, (além de países da América Central, onde representou o governo colombiano) conhecendo seus habitantes, suas histórias, seus sonhos. Tudo foi concisamente descrito em *A Voragem*. Essa talvez seja um de seus legados mais importantes, que ele tem a nos ensinar: conhecer os espaços que são nossos, que são por nós compartilhados. Não se trata de nenhum estrangeiro falando sobre nós. Além, de tudo as contribuições do trabalho de pesquisa realizado por Rivera, tem alcance político (inclusive de cunho internacional), uma vez que após a publicação da obra, originaram-se investigações a respeito da fragilidade das fronteiras, a busca por melhores condições de trabalho para os caucheiros e assegurar a presença do estado naqueles territórios através de serviços sociais básicos.

A importância da Literatura reside na sua capacidade de transformar e ser transformadora, diante disto, a leitura ou o estudo de *A Voragem*, nos traz a

preocupação de revelar a Amazônia descrita por sob sua representação devoradora de seu narrador-protagonista, sem o que estaríamos repetindo o discurso do colonizador. A região amazônica é uma região urbanizada e rica em recursos naturais, mas que sofre de vários outros problemas socioeconômicos comuns em países em desenvolvimento. Problemas que são frutos de políticas econômicas impostas por órgãos de regulação internacionais. Problemas, finalmente, parecidos com os mesmos vivenciados pelos seringueiros que inspiraram Rivera, mesmo que estivesse contaminado pelo discurso colonizador, levou a cabo a ideia de denunciar a escravidão nos cauchos.

A grande lição que se aprende com a escrita de Rivera em *A Voragem* é que ir contra atitudes colonizadores requer vigilância constante no discurso que se pretende veicular. O colonialismo é um pensamento que adormece em nós, mas está sempre prestes a atuar, a falar e a escrever por nós. É um comportamento guiado por um modo de pensar desenvolvido há pelo menos meio século em outro espaço, que não tem comparação com o nosso espaço e nem com a nossa gente. É um modo de pensar de outro mundo, que nos perverte, obrigando-nos a crer em um só deus, um só gênero dominante, em uma só raça perfeita, em um só modo de modo de viver.

De tal forma que *A Voragem* verdadeira não é a Floresta Amazônica, como foi descrita pelo autor e sim, a colonialidade que vive entre nós, à espreita, que nos envolve em seus vórtex sem que tenhamos consciência disto.

A Americanidade ou Decolonial é o espelho que precisávamos para nos enxergarmos dentro dos estudos Pós-coloniais, assumindo a relevância de nossa experiência colonial, na constituição da Europa da era moderna e todas as consequências advindas dessa episteme.

Uma vez que a colonização brutaliza as duas personalidades de sua ação, o colonizador e o colonizado, deteriorando cronicamente a humanidade que os une enquanto raça, como fica evidente no romance de Rivera, torna-se imprescindível a leitura decolonial de *A Voragem* e de outros clássicos da literatura hispano-americana e caribenha, pois só o processo de autoconhecimento, nos permitirá o reencontro de nossa identidade enquanto povos e lutarmos para a emancipação do fator humano, de uma epistemologia única e cega, para modos de pensar que se congreguem e confluam para o desenvolvimento de um mundo com menos desigualdades e radicalismos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEBE, Chinua. *Things Fall Apart*. Nova York: Penguin Books. 2017.

BHABHA, Homi. K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998.

_____. **Narrando la Nación**. Disponível em www.cholonautas.edu.pe. Acesso em 07 de junho de 2016.

BONNICI, Thomas. **Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v.19, n1, p 07-23, 1998. Disponível em: http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf. Último acesso em: 28 de outubro de 2010.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Livraria Sá a Costa Editora. Lisboa, 1978. Tradução: Noémia de Sousa. Disponível em < <https://antropologiadeoutraforma.files.wordpress.com/2013/04/aime-cesaire-discurso-sobre-o-colonialismo.pdf> > Acesso em 07 de novembro de 2017.

COTA, Débora. **Em “trânsito: incursões pela crítica de Josefina Ludmer**. Disponível em http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/043/DEBORA_COTA.pdf >. Acesso em: 30 jun. 2014.

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo**. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.55-70. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Dussel.rtf> Último acesso em 30 de janeiro de 2016.

ESCOBAR, Arturo. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?** In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.133-168. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Escobar.rtf>. Último acesso em 30 de janeiro de 2016.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GARDEAZÁBAL, Álvarez Gustavo. **La novela colombiana: entre la verdad y la mentira**. Primeira Edição. Bogotá. Plaza & Janés Editores Colombia S.A. 2000.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonizing Post-Colonial Studies and Paradigms of Political Economy: Transmodernity, Decolonial Thinking, and Global Coloniality**. Disponível em: <http://escholarship.org/uc/item/21k6t3fq#page-2>. Acesso em: 30 de janeiro de 2016.

_____. **El giro decolonial Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.** Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia.** São Paulo: Marco Zero, 1994.

GOUVEA, Lígia Regina Lima. **Divergência genética em seringueira estimada através de técnicas multivariadas e marcadores moleculares microsatélites.** Instituto Agronômico de Campinas. Disponível em <http://www.iac.sp.gov.br/areadoinstituto/posgraduacao/dissertacoes/Ligia%20Gouvea.pdf>. Último acesso em 25/10/2017.

GUTIERREZ, Peña Isaias. **Breve História de José Eustásio Rivera.** Segunda Edição, Bogotá: *Editorial Magisterio*. 1988. Disponível em: <http://www.isaiaspenagutierrez.com/pdf/Breve-historia-JER-IIbro.pdf>. Último acesso em 25 de outubro de 2106.

HARDMAN, Francisco Foot. “A Amazônia como voragem da história: impasses de uma representação literária”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 29. Brasília, janeiro-junho de 2007, pp.141-152.

HALLEWEL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história.** Tradução: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2ª edição. Edusp.2005. Disponível em: Último acesso em: 11 de maio de 2017.

HUTCHEON, Linda. **A Poetics of Modernism – History, Theory, Fiction.** Ed. Routledge. Londres. 1988.

LEANDRO, Voigt Rafael. **Os Ciclos Ficcionalis da Borracha e a Formação de um Memorial Literário da Amazônia.** Brasília: Repositório UNB. 2014. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17742/1/2014_RafaelVoigtLeandro.pdf. Último acesso em: 27 de outubro de 2016.

LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina: uma especulação.** Belo Horizonte: Editora UFMG. 2013.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador.** Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira. 2007.

MIGNOLO, D. Mignolo. **Histórias Locais/Projetos Globais – Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2003.

MIRANDA, Elis. **Cametá: marcas da presença portuguesa na Amazônia.** I Simpósio Luso Brasileiro de Cartografia Histórica, Rio de Janeiro (2005). Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/elis_miranda.pdf. Último acesso em: 22 de outubro de 2016.

MOISÉS. LEYLA-PERRON. **Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141997000200015. Último acesso em: 01 de maio de 2017.

NENEVÉ, Miguel. **Teoria do Pós-colonialismo e algumas contribuições para a educação**. Revista Canadart XIII, NEC UESB. Salvador. 2005.

OLIVEIRA. Freitas Waldir. La Vorágine – **O romance amazônico da Colômbia**. Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.wordpress.com/2010/10/07/la-voragine-o-romance-amazonico-da-colombia/>. Último acesso em: 26 de outubro de 2016.

PIZZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2012.

PRATT, Mary Louise. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante? In: VÉSCIO, Luiz e; SANTOS, Pedro B. (Orgs.) **Literatura e História: Perspectivas e convergências**. Bauru: EDUSC, P.17-54. 1999.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. P.227-278.

RETAMAR, ROBERTO FERNÁNDEZ. **Concierto para la mano izquierda**. Havana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2000.

RIVERA, José Eustásio. **A Voragem**. Trad. de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. **La vorágine**. Prólogo de Susana Zanetti. Buenos Aires: *Corregidor*, 2002.

SAID. Edward. **Orientalismo**. Tradução. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp.1986.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2009.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O que era mesmo o Terceiro Mundo?** . 255-280. Disponível em: < <http://diplo.org.br/2000-08.a1805> >. Último acesso em: 19 junho de 2017.

VELOSO, Caetano. Disco Outras Palavras. 1981.

Mapa de biomas e de vegetação. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>. Último acesso em: 26 de setembro de 2016.

Estimativa da população em unidades de conservação na Amazônia Legal brasileira: uma aplicação de grades regulares a partir da Contagem 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v30n2/04.pdf>. Último acesso em: 26 de setembro de 2016.

A Voragem de Rivera: realismo pré-mágico ou já mágico? Disponível em: <http://www.portalentretextos.com.br/colunas/recontando-estorias-do-dominiopublico/a-voragem-de-rivera-realismo-pre-magico-ou-ja-magico,236,3807.html>. Último acesso em 07 de junho de 2016

Biografia José Eustásio Rivera. Disponível em: http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rivera_jose_eustasio.htm. Acesso em 07 de junho de 2016.

Manuscrito de La Vorágine. Disponível em: <http://www.bibliotecanacional.gov.co/content/manuscrito-de-la-vor%C3%A1gine>. Acesso em 07 de junho de 2016.

Contexto Literário. Disponível em: <http://www.bibliotecanacional.gov.co/content/la-vor%C3%A1gine-contexto-literario>. Acesso em 07 de junho de 2016.